

I - NOTA PRÉVIA

Editada em pleno "4º ANIVERSÁRIO CINEQUANON" esta brochura pretende ser um resumo, se bem que circunstanciado, de toda a actividade desenvolvida até agora pela cooperativa no que diz respeito, principalmente à realização de filmes.

Outro tipo de historial verificámos ser necessário realizar: seria importante darmos uma ideia concreta da intervenção da Cinequanon na divulgação do cinema português, desde a zona da grande Lisboa até à mais recôndita aldeia, e, também, de uma forma mais detalhada, das posições assumidas pela cooperativa nas diversas atribulações por que tem passado a "regência" do cinema em Portugal. No entanto, mercê de condicionalismos vários, esse trabalho terá que ficar para outra altura. Por agora figuemos com este "dossier" que, diga-se, não é aquele com que contávamos, é aquele que nos foi possível.



## II - OS QUATRO ANOS DA COOPERATIVA

### CINEQUANON

A Cinequanon nasce em princípio de 1974, impulsionada por um grupo de trabalhadores de cinema que devido aos resultados da sua prática anterior se achavam decididos a recusar definitivamente as estruturas caducas das relações de produção, no campo da actividade cinematográfica.

Inicialmente, pensaram os sócios da cooperativa que poderiam dedicar-se a produzir apenas filmes de fundo de ficção, embora em novos moldes de trabalho; entretanto surgiu o 25 de Abril, e com ele profundas modificações se deram as perspectivas do cinema a fazer em Portugal. A legalização da Cinequanon concretiza-se em Junho de 1974.

Os membros da cooperativa renunciaram então ao tipo de trabalho previsto para se dedicarem à realização de filmes de intervenção política e social para a televisão, o que lhes pareceu uma prática de az-

tuação mais correcta tendo em conta as necessidades urgentes, no campo da comunicação de massas, do momento nacional.

Apesar duma certa indefinição, no seu estádio inicial de trabalho sobretudo ao longo de 1974, indefinição essa devida em grande parte a conflitos internos que culminaram pelo afastamento de alguns sócios, o que levou a cooperativa a uma remodelação que lhe proporcionou finalmente uma coesão interior mais sólida e fundamentada) a Cinequanon soube manter uma bem determinada linha política, alheia a qualquer dependência partidária: a de servir os interesses dos trabalhadores.

Para além da sua participação directa nas várias lutas dos trabalhadores de cinema, a prática da Cinequanon, sobretudo até 25 de Novembro de 1975, consistiu, quase exclusivamente, na produção de filmes para a televisão. Através desses filmes, e dentro das limitadíssimas condições económicas e de produção

que a R.T.P. impunha, procurou a Cinequanon dar a imagem, ou imagens, das lutas que os trabalhadores portugueses desencadeavam nos mais variados campos.

Desta experiência tão estimulante como rica de ensinamentos (que levou as equipas da Cinequanon a percorrer os mais diversos pontos do país e a contactar com as populações locais) nascem muitas dezenas de filmes de 25 a 40 minutos, destinados em grande parte aos programas televisivos "Artes e Ofícios" e "Sonhos e Armas". Salientam-se: Arquitectura e Habitação; Brecht em Portugal; Arte Culinária e Alimentação Racional; Aborto - Sim ou não?; Estevais - Ano Zero; O Problema do Alcoolismo; Campanha de alfabetização em Trás-os - -Montes; O Circo; Inquérito ao Gabinete da Área de Sines; O 23 de Setembro e Um Dia de Trabalho; COMUNAL - - Cooperativa em Argea; 11 de Março Cooperativa Cesteira na Beira-Alta; A Independência de Moçambique, Ocupação de Terras na Beira-Alta; Liberdade para José Diogo; Teatro Popular na Beira Baixa. Tomada de Consciência Política duma Aldeia Beirã, Co

operativa Agrícola Torrebelas; Greve na Construção Civil; SETUBALENSE -- Um Jornal Regional em Autogestão, etc.

Para a televisão, e desde 1975 até hoje, a Cinequanon produziu a série "Um dia na vida de ..." (3 filmes) "Antigas profissões" (12 filmes) "Viver ou Sobreviver" (2 filmes), "Movimento Cooperativo em Portugal" (esta série foi cancelada ao fim de 6 filmes, sendo um interdito) "Inventores Portugueses", estando actualmente a realizar a série "Colectividades de Cultura e Recreio".

Não integradas em nenhum dos programas indicados, salientam-se as longas metragens Procissão dos Bêbados Fátima Story e Chorar o Entrudo, também destinadas, inicialmente, à televisão.

No entanto, desde o primeiro ano da sua existência, a Cinequanon não descurou a iniciativa de produzir filmes fora da R.T.P.

Foi assim que, juntamente com outras

duas cooperativas de cinema (C.P.C. e Cinequipa), a Cinequanon apresentou ao Instituto Português de Cinema (I.P.C.) o seu primeiro plano anual de produção, para 1975, candidatando-se ao respectivo apoio financeiro.

Por razões já várias vezes denunciadas em público, o I.P.C. decidiu ignorar a existência das cooperativas como agrupamentos autónomos com planos colectivos de produção de filmes, para considerar cada realizador individual e o seu respectivo filme, estilhaçando, com uma atribuição de subsídios tão arbitrária como irrealista o programa unitário que as cooperativas tinham em vista.

Nesse "plano" de atribuições de subsídios para 1975, do I.P.C., a Cinequanon foi posta à margem: era o preço da sua oposição a um conceito de cinema em que imperavam o funcionalismo e a burocracia, próprios dum cinema estatizado, - conceito preconizado pela gerência do então Instituto, onde não tinha assento nenhum trabalhador de cinema nem nenhum representante sindical.

Com efeito, tudo começara com uma violenta carta aberta ao I.P.C., publicada pela Cinequanon nalguns jornais, a propósito do filme Liberdade para José Diogo, a que o Instituto, após um primeiro compromisso acabara por retirar o apoio financeiro.

Por isso, ao serem publicados os títulos dos filmes "contemplados" em 1975, a Cinequanon foi a única cooperativa a não ter nenhum dos seus títulos subvencionados.

A situação arrastou-se, e durante largos meses a Cinequanon viveu com as maiores dificuldades apenas dos filmes que co-produzia com a R.T.P.

Apesar desta tentativa de eliminação da Cinequanon, a solidariedade entre as cooperativas conseguiu vencer a crise, uma das mais dramáticas que atravessou o cinema português. Com efeito, pouco antes da divulgação pública dos filmes aprovados para 1975, havia sido assinado um documento conhecido pelo pacto das Cooperativas", em que estas

se comprometiam a redistribuir entre si, da forma que entendessem, os apoios financeiros que porventura recebessem a alguns dos seus filmes.

Este "Pacto" foi fortemente contrariado pela gerência do I.P.C., e indeferido pelo respectivo ministro. A luta prolongou-se, e as cooperativas, reforçando a sua unidade, associaram-se numa frente comum: a A.C.O.B.A.C. (Associação de Cooperativas e Organismos de Base da Actividade Cinematográfica). Finalmente a sua determinação venceu, em Outubro de 1975 é nomeada para o I.P.C. uma Comissão Administrativa com representação Sindical, e o "Pacto" é finalmente aprovado. Graças ao espírito de sacrifício das outras duas cooperativas signatárias (Centro Português de Cinema e Cinequipa), a Cinéquanón pôde receber 3.000 contos e com essa verba iniciar em 1976 a produção de duas longas-metragens de ficção: A Confederação e As Horas de Maria, e um documentário de média-metragem: Areia, Lodo e Mar.

A partir deste momento, tendo finalmente consolidado a sua estrutura interna, quer ao nível dos quadros profissionais que a constituem, quer ao nível de infraestruturas técnicas, a cooperativa pode manter uma produção intensiva para cinema, e não apenas para televisão.

Assim, além dos filmes já citados, a Cinequanon produziu as seguintes médias-metragens coloridas: Liberdade para José Diogo (nova versão) O Outro Teatro; Colonia e Vilões, Rossio de Santa Justa.

Integrado num plano de produção da A.C.O.B.A.C., e com o apoio financeiro da Fundação Calouste Gulbenkian, produziu a média-metragem a cores Gente do Norte ou a História de Vila-Rica.

Em 1977, esboçou-se uma nova luta com o poder instituído. Devido às permanentes indefinições da Secretaria de Estado da Cultura, e a uma política de obstrução e de burocratização crescentes da última Comissão Administrativa nomeada para o

I.P.C. em fins de 1976, o plano de financiamento que pôs mais uma vez em risco a sobrevivência da cooperativa.

Segundo os termos deste "Plano" de apoio financeiro do I.P.C., a Cine quanon contou com dois títulos subvencionados - aliás a sua exequibilidade: O Principe com Orelhas de Burro e Aninhas. O primeiro destes <sup>com verbas falt</sup> <sup>inferiores ao seu</sup> <sup>real custo que</sup> <sup>visava a sua</sup> <sup>exequibilidade.</sup> está na fase de acabamento.

Entretanto, e aproveitando a dinâmica resultante do trabalho de produção cinematográfica, a Cinequanon criou uma secção de Divulgação com edição de "posters", textos de informação e uma coleção de livros os "Cadernos Cinequanon" - cujo primeiro volume é constituído pelo guia integral do filme "As Horas de Maria", antecedido de comentários críticos, além de um "single" com a banda musical, da autoria de José Mário Branco, do filme Gente do Norte.

Confirmando a vocação com que foi constituída, de organização coope-

rativa de profissionais de cinema. a Cinequanon, entre outros resultados, conseguiu criar condições para que alguns dos seus sócios pudessem realizar os seus primeiros filmes, o que lhes seria praticamente inviável, se se mantivessem isolados no mercado de trabalho da produção cinematográfica, fora da prática autogestionária que lhes tem proporcionado a presente experiência.

A última produção Cinequanon é a Rapariga dos Fósforos, realizada por Luís Galvão Teles, e exibida no passado dia 17 na R.T.P.

Para além de toda esta actividade aqui referida a Cinequanon ainda participou na produção executiva de diversas obras estrangeiras rodadas no nosso País. A saber: Reina a Tranquilidade no País, de Peter Lilienthal, em 1975, A Aula de Anatomia, de Krytoff Zanussi, em 1977 e O Segundo Despertar de Christa Klages, de Margaretha von Trotta, também em 1977 (este filme obteve um prémio especial no Festival de Berlim deste ano).

### III - As produções para a R.T.P.

Este conjunto de filmes de que aqui fazemos a listagem, integra-se na actividade inicial da Cinequanon, o qual tinha por objectivo fundamental concretizar uma determinada intervenção socio-cultural, definida no âmbito de acção da própria cooperativa.

Todos estes filmes têm a ver com a que de mais flagrante se foi passando no país logo a seguir ao 25 de Abril. As imagens captadas podem assim dar uma ideia, se bem que não definitiva nem completa, do que aconteceu em Portugal nos mais diversos campos, desde as lutas sociais que foram travadas no plano da produção nacional, passando pelas questões da cultura (do teatro, do cinema das colectividades de cultura e recreio) até problemas relacionados com o desporto.

A Cinequanon pode assim orgulhar-se de ter realizado no espaço de pouco mais de dois anos mais de uma centena de filmes que constituem inapre-

ciável espólio de documentação cinematográfica sobre um período da nossa História que será, porventura, o mais significativo e o mais fascinante deste século XX português.

Apresentamos de seguida, um por um, e por séries, todos os filmes produzidos e realizados em co-produção com a R.T.P.

a) Série ARTES E OFÍCIOS - 1974/75  
Filmes em 16 m/m - P/B

TÉCNICOS:

Realização: José de Sá Caetano

Direcção de Fotografia: António Escudeiro  
Elsa Roque  
Moedas Miguel  
Equipa Oficial Húngara  
(nos dois filmes realizados na Hungria)

Assistentes de Imagem: Pedro Efe  
Mário de Carvalho

Montagem: Clara Diaz-Bérrio  
João Abel  
Manuela Moura  
Solveig Seixas Santos  
Teresa Vaz da Silva

Direcção Produção: Leonel de Brito  
Equipa Oficial Húngara  
(nos dois filmes realizados na Hungria)

Direcção de Som: Carlos Tomás  
João Abel  
João Diogo  
João Miguel  
José de Carvalho  
Mário de Carvalho  
Virgílio da Cruz  
Equipa Oficial Húngara  
(nos 2 filmes realizados na Hungria)

\* \* \* \* \*

\*\* A CULTURA EM PORTUGAL, colectivo, 40'

Sinopse: O inicio das campanhas de alfabetização da Pró-UneP e inquérito à Fundação Calouste Gulbenkian.

\*\* BRECHT EM PORTUGAL - GREVE NA FUNDAÇÃO GULBENKIAN-  
colectivo, 40'

Sinopse: A Cornucópia estreia no Barreiro "O Terror e a Miséria no III Reich". Alguns funcionários da Fundação Calouste Gulbenkian explicavam o porquê da greve levada a efeito na altura.

\*\* A PROFISSÃO DE FUTEBOLISTA EM PORTUGAL, colectivo,  
25'

Sinopse: Quem enriquece no futebol: os dirigentes desonestos ou os futebolistas? Que trabalho têm estes homens para cada domingo se apresentarem no seu espectáculo em condições físicas pelo menos possíveis de no fim de cada ano de trabalho haver mais um contrato para assinar?

\*\* A PROFISSÃO DE PRODUTOR DE CINEMA EM PORTUGAL de  
António de Maceúdo, 40'

Sinopse: Acerca das dificuldades e problemas de variada ordem que se levantam aos produtores de cinema em Portugal, fez-se com este filme um levantamento da respectiva situação em 1974, sendo os debates conduzidos, na sua maior parte, pelos interessados.

\*\* O OPORTUNISMO PUBLICITÁRIO DA 'MAFIA' CINEMATOGRÁFICA, de Luís Galvão Teles, 30'

Sinopse: A 'Mafia' da distribuição e exibição cinematográfica.

\*\* A CAMPANHA DE ALFABETIZAÇÃO EM TRÁS-OS-MONTES, colectivo, 44'

Sinopse: Reportagem desenvolvida sobre uma campanha de alfabetização levada a cabo pela Pro-UneP da região de Trás-os-Montes

\*\* MAGAZINE: MANUEL DE OLIVEIRA / O POÇO DA MORTE /CAMPANHA DE ALFAEETIZAÇÃO, colectivo, 43'

Sinopse: Enquanto Manuel de Oliveira filma "Renilde cu a Virgem Mãe", uma família arrisca a vida todas as noites no "Poço da Morte" e a p'ro Utep lança-se nas campanhas de alfabetização em Trás-os-Montes.

\*\* MAGAZINE II : MANUEL GUIMARÃES / FILME DO 19 DE MAIO DE 1974 / HUMORISTAS FRANCESES / BONECREIROS, colectivo, 40'

Sinopse: Manuel Guimaraes, o "Cântico Final", o primeiro e o último 19 de Maio espontâneo em Portugal e o humor europeu connosco.

\*\* INQUÉRITO AO GABINETE DA ÁREA DE SINES, de Luís Rocha, 40'

Sinopse: Do mal que parecia as pessoas desta zona costeira de Portugal, do maior investimento tecnológico feito neste país.

\*\* O NEGÓCIO LIVREIRO EM PORTUGAL, colectivo, 40'

Sinopse: O apoio dos primeiros autores; os editores sem alvarás; a Censura, etc.

\*\* 28 DE SETEMBRO / 6 DE OUTUBRO, colectivo, 30'

Sinopse: Do anaque traiçoeiro do fascismo à correspondente resposta das massas populares. Da traição de ministros e militares à resposta de civis analfabetos com vontade de mudar as estruturas.

\*\* MIKLOS JANCKSÓ, de Fonseca e Costa e Luís Filipe Costa, 30'

Sinopse: Dois técnicos portugueses visitaram Jancksó e a sua equipa em plenas filmagens. Entrevista com aquele realizador e aspectos de todo o aparato montado para a laboração do seu filme.

\*\* BUDAPESTE, de Fonseca e Costa e Luís Filipe Costa,  
25'

Sinopse: A cidade, o quotidiano, alguns aspectos de vida nocturna vistos por dois portugueses que visitaram a Hungria após o 25 de Abril.

\*\* PETER LILIENTHAL FILMA EM SETÚBAL, de António de Macedo, 30'

Sinopse: Uma equipa cinematográfica alemã, dirigida por Peter Lilenthal, instalou-se em Setúbal para rodar os exteriores da película "Reina a Tranquilidade em Todo o País". O filme procura documentar os principais acontecimentos, cu os mais interessantes ocorridos durante um dia de filmagens.

\*\* JOSÉ AFONSO E SÉRGIO GODINHO CANTAM EM ÁRGEA, colectivo, 28'

Sinopse: Na Árgea, a voz dos cantores é finalmente porta voz dos desejos dos trabalhadores mais explorados.

\*\* COMUNAL, UMA EXPERIÊNCIA REVOLUCIONÁRIA, colectivo, 24'

Sinopse: Próximo de Torres Vedras, uma cooperativa agrícola original: os cooperantes são não só os habitantes da região como também pessoas da cidade das mais diversas profissões que a essa experiência aderiram.

\*\* 11 DE MARÇO, colectivo, 25'

Sinopse: Um programa a cores para a Eurovisão sobre a tentativa de golpe fascista do 11 de Março.

\*\* CANDIDINHA, de António

Sinopse: Num atelier de alta costura de Lisboa, por fuga dos dois sócios gerentes e por o terceiro ter recusado a cumprir as suas obrigações para com os trabalhadores, as 135 empregadas ocuparam as instalações no Verão de 1975.

\*\* A COOPERATIVA CESTEIRA DE GONÇALO, de António de  
Macedo, 25'

**Sinopse:** No contexto das lutas dos trabalhadores, a pequena aldeia de Gonçalo, a 18 Km. da Guarda, é um exemplo de como a imaginação e a combatividade da classe operária é capaz de encontrar as soluções mais adequadas para cada caso e na defesa dos seus reais interesses. Em consequência de uma crise de desemprego (4 fábricas fechadas) os trabalhadores decidem fundar uma cooperativa, a Cescoope, produtora de objectos de vime. O filme procura documentar todo o processo desencadeado, as dificuldades, o entusiasmo, e, sobretudo, o aumento de produtividade que se observam actualmente, sob a nova forma cooperativa, em contraste com o tempo em que os mesmos operários trabalhavam como assalariados (muito mal pagos) dos seus antigos patrões.

\*\* OCUPAÇÃO DE TERRAS - BEIRA BAIXA, de António de  
Macedo, 40'

**Sinopse:** Em Unhais da Serra, a Quinta da Vargem, parte do grande latifundio de 20 mil hectares pertencente a casa Garrett foi ocupada pelas três dezenas de trabalhadores assalariados após um processo de luta exemplar.

Rodeado de fascismo, de caciques, lacaios e padres reaccionários, aquele pequeno grupo de operários agrícolas, a sua maioria muito jovem, conquistou o apoio do Movimento das Forças Armadas e do Ministério do Trabalho.

\*\* TETE MONTOLIU, JAZZ-PIANO-SOLO, de Luís Galvão Teles, 30'

**Sinopse:** Um grande pianista de jazz, catalão e cego. Meia hora de música, ritmo, dedos dançando nas teclas.

\*\* LAMINAGEM DE OURO NO BAIRRO DA LIBERDADE, de Luís Galvão Teles, 30'

**Sinopse:** O bairro da Liberdade é uma zona pobre da cidade. Na cave de uma das suas casas velhas, ines- peradamente o ouro é moeda corrente - para ser ar- tesanalmente transformado em finíssimas lâminas que mais parecem papel do que metal precioso, susceptí- veis de se desfazer à menor manipulação.

\*\* A PENTEADORA, de Antônio de Macedo, 25'

**Sinopse:** Em Unhais da Serra, aldeia da Beira Baixa, os operários da fábrica têxtil "A Penteadora", em sequência de um conflito de trabalho, e por aban- dono dos capitalistas administradores, tomaram con- ta da produção da fábrica. Com os novos moldes ges- tionários, e com o apoio do M.F.A. ao nível de es-clarecimento, os trabalhadores estão a desenvolver um trabalho muito mais dinâmico, interessante e produtivo.

O filme relata as várias etapas desta experiência auto-gestionária, abordando, entre outros episó- dios, evocações das lutas dos trabalhadores contra a repressão fascista, e da sua consciência políti- ca adquirida duramente nessa prática, durante os longos anos da opressão fascista-capitalista.

\*\* TEATRO POPULAR - BEIRA BAIXA, de Antônio de Macedo, 32'

**Sinopse:** Na vasta herdade da "Quinta da Vargem", la- tifúndio dominado por um abastado capitalista da região, os trabalhadores rurais, revoltados com os excessos de exploração de que eram vítimas, ocupa- ram o latifúndio e expulsaram o patrão. Estes tra- balhadores compuseram então uma peça teatral, extre- mamente original e insólita, relatando passo-a-pas- so todo o desenrolar do seu processo de luta. O filme reproduz fielmente esta peça "naif", na in- tegra, com entrevistas aos habitantes das aldeias vizinhas (Paúl, Erada, Unhais) e as suas impressões sobre a peça que tinham acabado de ver.

\*\* O PROBLEMA DO ALCOOLISMO, colectivo, 30'

**Sinopse:** Portugal - 500.000 alcoolicos. Porque? E quem tem que resolver o problema? Quem os trata?

\*\* A ARTE DA CULINÁRIA, de António de Macedo, 40'

Sinopse: A culinária encarada como uma das mais belas artes. Desde as necessidades básicas da alimentação e da sobrevivência do indivíduo e da espécie, às sociedades que desenvolvem o ócio e os mitos de bem estar de certas classes, transformando a necessidade vital de se comer numa arte cheia de requintes. Desde a culinária "pacialiana" até à culinária utilitária dos snack-bars, passando pelas culinárias orientais e exóticas até à técnica da alimentação preconizada pelos dietistas, um vasto leque de temas é tratado, até se culminar nos graves aspectos da fome no mundo.

\*\* TOMADA DE CONSCIÊNCIA POLÍTICA NUMA ALDEIA-BEIRA UNHAIS DA SERRA - de António de Macedo, 30'

Sinopse: Unhais da Serra, uma aldeia a 15 km da Covilhã, fora da zona de intervenção da Reforma Agrária. Maio de 1975. Os trabalhadores ocupam as terras e a fábrica do grande senhor; surgem as comissões de moradores e as pessoas começam a sentir os resultados das primeiras eleições. Um filme-inquérito.

\*\* LAVOS, de António de Macedo, 30'

Sinopse: Lavos, pequeno aglomerado ao sul do Mendo, na região da Figueira da Foz, vive sobretudo das salinas e da pesca. A agricultura, pobre, resume-se praticamente à cultura do milho. Duas tradições sobrevivem, uma delas em vias de extinção talvez mesmo extinta, já: "cegadas", a outra, as danças e os cantares inspirados na faina do sal. As "cegadas", espécie de teatro burlesco popular, saia para as ruas, na época do Carnaval, e criticava abertamente o que de mal encontrava na terra. Hoje já não existem cegadas, mas as mais típicas sobrevivem na memória de alguns habitantes mais velhos, que nelas participaram. Das danças e cantares da região, conseguimos registar algumas com mais de 50 anos.

\*\* AROEIRA, QUE DESTINO PARA UM CLUBE DE ALTA-EURGÉSIA?, de Luís Galvão Teles, 30'

Sinopse: Um clube privado de grande luxo nas mãos dos trabalhadores após os patrões terem dado o "salto" por esses Brasis fora...

\*\* HOTEL DAS ARRIBAS - UM ANO DE AUTO-GESTÃO, de António Macedo, 25'

Sinopse: Uma experiência bastante rica acerca de como pode ser produtiva uma empresa gerida pelos trabalhadores.

\*\* NICOLAUS GILLEN EM PORTUGAL, de Luís Filipe Costa, 25'

Sinopse: Nicolaus Gillen visitou Portugal a convite da Associação de Amizade de Portugal-Cuba. Alguns aspectos desta visita e dos contactos havidos com intelectuais portugueses.

\*\* INQUÉRITO SOBRE FOTONOVELAS, de Luís Galvão Teles, 25'

Sinopse: Os "comos" e os "porquês" de uma forma sofisticada de alienar.

\*\* CINEMA - DOIS FILMES PORTUGUESES EM RODAGEM, de Amílcar Lyra, 25'

Sinopse: A propósito de dois filmes portugueses em produção, abordam-se não só aspectos específicos relacionados com esses filmes, mas sobretudo problemas da função do cinema em Portugal e da problemática cinema-revolução. Filmes: "O Princípio da Sabedoria" e "Antes a Morte que Tal Sorte".

\*\* OFICINA AUTOMÁVEL EM AUTO-GESTÃO, colectivo, 25'

Outra experiência positiva no campo da auto-gestão e de novos esquemas nas relações e na produ

ção.

\*\* MUNDET, de António Macedo, 30'

Sinopse: Os trabalhadores da Fábrica Mundet num plenário aprovam o saneamento de todos os administradores americanos e passam à co-gestão da empresa com o Governo.

\*\* VELHAS PROFISSÕES, de Luís Rocha, 40'

Sinopse: Em Trás-os-Montes velhas profissões mantêm-se para além da guerra colonial, da emigração e do 25 de Abril. O artesão, a troca, a aldeia, a vila, o senhor, a feira; a Idade Média de hoje.

\*\* A VOZ DO OPERÁRIO, de António Damião, 30'

Sinopse: Associação mutualista da 1<sup>a</sup> República. A sua história, o entusiasmo dos fundadores, a tenacidade dos continuadores.

\*\* FÁTIMA STORY, de António Macedo, 1 h.14'

Sinopse: A 13 de Outubro de 1975 uma equipa de cinema dirigiu-se a Fátima para filmar a peregrinação. Fátima, pequena vila insignificante situada a 140 Km. a norte de Lisboa era um nome completamente desconhecido até 1917. A 13 de Maio desse ano, três jovens pastores com 7, 8 e 10 anos assistiram à aparição sobrenatural duma "linda senhora". A aparição repetiu-se durante alguns meses e a mais espectacular, que teve lugar em 13 de Outubro desse mesmo ano, foi acompanhada de um estranho fenômeno solar que espantou a multidão vinda dos lugares vizinhos e que esperava a aparição da Virgem Santa. Desde então, todos os anos nos meses de Maio e Outubro, milhares de peregrinos, vindos dos quatro cantos do mundo ocorrem a Fátima, sobretudo nos dias 12 de cada mês, para cumprirem penitências, promessas ou implorarem a cura das suas doenças. O espectáculo é por vezes aterrorizante e o filme procura ilustrar os episódios mais dramáticos e mais característicos des

tas celebrações periódicas. Entretanto, com o correr dos anos, a pequena aldeia de Fátima tornou-se um grande centro de turismo onde florescem os hoteis e o comércio de objectos religiosos.

\*\* COOPERATIVA AGRÍCOLA TORRE-BELA, de Luís Galvão Teles, 49'

Sinopse: A vila e os problemas de uma das muitas cooperativas agrícolas criadas em Portugal na sequência do processo revolucionário iniciado com o 25 de Abril de 1974 e encerrado com o 25 de Novembro de 1975.

Os ocupantes da Torre-Bela decidiram, após a ocupação, em Abril de 75, a criação de uma cooperativa para a qual foram admitidos, em primeiro lugar os trabalhadores mais necessitados, ou seja, os mais explorados pelo fascismo. Daí uma série de problemas que se não procuram escamotear, mas resolver, como, por exemplo, o do alcoolismo. Para além dos seus problemas internos, a cooperativa da Torre-Bela assume particular significado pela sua posição geográfica, no centro do país, onde as forças reaccionárias pretendem fazer parar a Reforma Agrária, o processo revolucionário nos campos.

\*\* SASSETI - UMA EDITORA DE DISCOS EM AUTO-GESTÃO, de Amílcar Lyra, 25'

Sinopse: Os esquemas capitalistas do lucro fraudulento na apropriação da "cultura" pela burguesia. Uma luta pelo trabalho e pela sobrevivência, com independência e honestidade.

\*\* LIBERDADE PARA JOSÉ DIOGO - 1<sup>a</sup> Parte - TRIBUNAL POPULAR - 2<sup>a</sup> Parte, de Luís Galvão Teles, 35' e 11' (respectivamente)

CRÍTICA: "Um Sacco e Vanzetti Português" O anunciado filme sobre José Diogo, trabalhador rural acusado de ter morto o patrão, foi suspenso pelos responsáveis da Radiotelevisão, sem que até agora haja qualquer explicação para o facto. A lembrar outras suspensoes que em nada contri-

buiram para o esclarecimento de quem (não) vê TV! E o caso é particularmente significativo. O caso José Diogo ameaça transformar-se num Sacco e Vanzetti português e é por isso que as tomadas de posição face a ele são particularmente importantes e esclarecedoras das posições de classe de cada um. É que, se ao nível das lutas dos trabalhadores a caminhada para o socialismo poderá já ter começado, uma grande luta terá ainda, de ser acesa contra as superestruturas que hoje dominam a sociedade portuguesa, marcadamente capitalista e reaccionária. É a luta do direito burguês contra a emancipação do proletariado; da ideologia burguesa contra a teoria revolucionária. E nesse campo as ambiguidades são graves. O caso José Diogo será um marco histórico na emancipação dos trabalhadores, e a história marcará aqueles que a ela se opõem.

Francisco Neves  
Diário de Lisboa, 24.5.75

b) Série SONHOS E ARMAS - 1974

Filmes em 16 m/m - P/B

TÉCNICOS:

Direcção de Fotografia: Elso Roque  
João Roque  
Moedas Miguel

Montagem: Clara Diaz-Berrio  
Manuela Moura  
Teresa Vaz da Silva

Direcção de Som: João Abel  
João Diogo

Direcção de Produção: Leonel de Brito

\* \* \* \* \*

\*\* ARQUITECTURA E HABITAÇÃO, de António de Macedo, 45'

Sinopse: O problema da arquitectura, habitação, construção em Lisboa, Vila Franca de Xira.

\*\* ARQUITECTURA E HABITAÇÃO, de António Macedo, 36'

Sinopse: Continuação do assunto do filme "arquitectura e habitação" 1.

\*\* VENDEDORES AMBULANTES NO ROSSIO, de António Macedo, 40'.

Sinopse: Depois do 25 de Abril, Lisboa viu-se invadida por uma multidão de vendedores ambulantes que ocupavam espaços públicos absolutamente impensáveis antes daquela data, sob os olhares complacentes das autoridades. Como reagem os logistas estabelecidos, perante essa concorrência caótica e itinerante? Como reagam os vendedores ambulantes perante os "assaltos" aos saldos das lojas, que eles, ambulantes, consideram por sua vez a concorrência desleal?

\*\* ALIMENTAÇÃO RACIONAL, de Antônio de Macedo, 44'

Sinopse: Várias entrevistas sendo uma delas com o Director da ITAU.

\*\* O PROBLEMA DO ABORTO, de Luís Filipe Costa, 32'

Sinopse: Entrevistas com parteiras, médicos, pais e pontos de vista obviamente diferentes; pois que à formação científica de uns, responde a formação religiosa de outros, e a ousadia, sobretudo pelo dinheiro, de outros, mesmo com os perigos inerentes da ilegalidade.

\*\* O CIRCO I - O ESPECTACULO, de Luís Galvão Teles, 44'.

Sinopse: Um pequeno circo ambulante, quase familiar. Andando de terra em terra sem parar. A vida é dura, e a dureza começa desde criança. Mas a alegria do risco e da arte é superior. E a miséria torna-se gargalhada ou salto no vazio.

\*\* O CIRCO II - POR DETRÁS DO PANO, -de Luís Galvão Teles, 40'

Sinopse: O mesmo circo ambulante, visto por detrás do pano. As relações entre as pessoas, a exploração das crianças, os problemas da terceira idade. Por detrás de tudo isto, uma alegria amarga de painço.

\*\* ESTEVAIS, ANO ZERO, de Luís Galvão Teles e Luís Rocha, 25'

Sinopse: A vida numa pequena aldeia de Trás-os-Montes onde a aridez e a pobreza são o pão nosso de cada dia, apesar de ali perto se situar um dos valões mais ricos do País. E onde, um ano depois, o 25 de Abril não tinha chegado ainda.

c) Série UM DIA NA VIDA DE... - 1975

Filmes em 16 m/m - P/B

TÉCNICOS:

Realização: José de Sá Caetano

Direcção de Fotografia: Moedas Miguel

Montagem: António Damião  
José de Sá Caetano

Direcção de Som: João Abel

Direcção de Produção: Leonel Brito

\* \* \* \* \*

\*\* UM DIA NA VIDA DE... UM TRABALHADOR DA SOREFAME,  
colectivo, 31'

Sinopse: Quais os problemas que tem um operário num grande complexo industrial. O que sente e diz um homem quando lhe perguntam como vive, quanto ganha, com quem vive. Como se reflete na sua vida particular o ambiente e a tensão em que trabalha.

\*\* UM DIA NA VIDA DE... UM MARCENEIRO, de António Da-  
miao, 24'

Sinopse: Ser marceneiro é uma arte. A arte que permite que de vulgares pranchas de madeira se façam objectos de utilidade nas casas de todos nós. Que regalias sociais pode ter um homem a trabalhar só, e sem apoio de ninguém?

\*\* UM DIA NA VIDA DE... UM TRABALHADOR RURAL DE UM  
LATIFUNDIO, de António Damiao, 30'

Sinopse: Da imensidão da planície alentejana sobressai, quer colectiva quer individualmente a figura daqueles que durante os anos do fascismo mais foram espezinhados pela sua polícia política: os trabalhadores rurais dos latifúndios. Co-

mo vivem os homens que enchem os celeiros de Portugal? Que fome passam os filhos de quem trabalha a terra de sol a sol?

\*\* UM DIA NA VIDA DE ... UM TRABALHADOR DE UM MINIFUNDIO, de Antônio Damiao, 30'

**Sinopse:** A igreja, o fascismo e as diferenças morfológicas, existentes entre o Norte e o Sul deste País, fazem com que no Norte, os homens dependam até a morta, com unhas e dentes, pequenos pedaços de terra dos quais depende a sobrevivência física de todo um agregado familiar, geralmente numeroso.

d) Série VELHAS PROFISSÕES - 1976

Filmes em 16 m/m - P/B

TÉCNICOS:

Direcção de Fotografia: Elso Roque  
Pedro Efe

Montagem: Celso Lucas  
Clara-Díaz-Bérrio  
Manuela Moura  
Solveig Seixas Santos

Direcção de Som: João Diogo  
João Diogo (filho)

Direcção de Produção: César D. Monteiro  
Leonel Brito

\* \* \* \* \*

\*\* FRAGATEIRO, colectivo, 30'

Sinopse: Dos 2.000 fragateiros existentes no Tejo durante a 2ª Guerra Mundial, existem actualmente 200. Quais as possibilidades de sobrevivência dos existentes?

\*\* OS MOÍNHOS, colectivo, 30'

Sinopse: Símbolos de riqueza no fim da idade Média em Portugal, e de decadência com o advento industrial. Os moinhos apenas voltaram por instantes a ter utilização mantendo no período de 1939/45. Os moinhos servem apenas a alguns velhos que vão morrendo lentamente a pensar "noutra guerra", para que eles possam de novo ser rentáveis.

\*\* CARRIS - O PASSEIO DA LANCHEIRA, de Luís Filipe Costa, 30'

Sinopse: O almoço de grande parte de trabalhadores

da Carris é transportado em lancheiras que viajam de eléctrico e passando de mão em mão, acaba por ser entregue ao destinatário.

\*\* OS TANOEIROS - colectivo, 30'

O processo e o avanço da tecnologia substitui a velha pipa pelo navio cisterna, o casco de carvalho pelo depósito de cimento. Tanoeiro foi uma profissão importante até ao surgimento da era industrial.

\*\* ENCADERNADORES, de António de Macedo, 30'

Sinopse: Das profissões mais antigas que se conhecem a de encadernadores de livros é uma das que maiores tradições encerram pelo seu nível artístico. A arte de encadernar, perdendo-se e recuperando-se ao longo dos séculos tem mantido contudo as mesmas técnicas artesanais e processos de trabalho.

\*\* OS VIDREIROS , de Amilcar Lyra, 30'

Sinopse: O dia a dia dum trabalho preponderantemente manual. O trabalho fabril acrescido pela vocação do operário. Os problemas da saúde provocados pelo esforço e manuseamento de certos produtos, em condições precárias, com o predomínio de diversas poluições.

\*\* OS TIPÓGRAFOS, de António de Macedo, 25'

Sinopse: As técnicas da impressão do papel tendo evoluído ao longo dos séculos mantêm no entanto alguns dos processos ancestrais ligados ao trabalho tipográfico mais característico. Evoluindo num sentido tecnicista da fabricação, a actual tipografia quase nada tem a ver com Gítemberg, no entanto o papel e as tintas, a composição, a impressão, etc., são ingredientes e fases que continuam a fazer parte do trabalho necessário à execução dos jornais, dos cartazes, dos livros.

\*\* OS FEIRANTES, de Amílcar Lyra, 30'

Sinopse: Populando de terra em terra em busca de um mercado ou de uma feira muitos pequenos comerciantes vivem o seu quotidiano sobressaltado neste tipo de vivência nómada. Em busca do sustento diário vivem unicamente do seu trabalho, e têm de procurar sózinhos, soluções para os seus problemas laborais e humanos, sem protecção e um pouco indisciplinadamente.

\*\* FUNDIDORES DE METAIS, de Luís Galvão Teles, 27'

Sinopse: O trabalho duro e violento, todos os dias igual, numa pequena oficina de fundição de metais onde por processos primários e artesanais, sucata de latão, cobre, chumbo, alumínio, etc. são transformados em corta-batatas.

\*\* OS BANHEIROS, de Luís Galvão Teles, 30'

Estamos na época estival. As praias enchem-se, sobretudo nos fins de semana. Quem repara nesses homens de camisola branca, calções azuis, e pele tisnada pelo sol? Quem repara neles para além do encender toldo ou da barraca - ou do "quem me acode", quando há perigo?

\*\* QUEIJOS, de Amílcar Lyra, 30'

Como uma pequena fabricação caseira se torna apesar disso num dos pólos de sobrevivência de muitas famílias e envolve trabalho aturado e difícil. Dificuldades de toda a ordem envolvem esta actividade e só muito a custo conseguem sobreviver.

\*\* AS BANDAS, de Luís Galvão Teles, 30'

Sinopse: "Uma entre muitas - a banda de música da União Seixalense". A história de uma banda de música centenária. Os seus ensaios, as suas actuações, as crises. A sua recente renovação graças ao pertinaz esforço de alguns carolas velhos que, diariamente, são felizes, ensaiando às crianças o solfejo e os primeiros contactos com um instrumento.

\*\* AFINADORES DE PIANOS, de Luís Galvão Teles, 30'

Sinopse: O piano é um instrumento complexo. Qual a sua mecânica, qual o processo de emissão de sons, como é reparado quando está avariado são elementos preliminares para se chegar à compreensão do ponto que nos interessa: o que é preciso fazer para que nele se possa tocar sem que os sons emitidos sejam desagradáveis ou soem mal. É então que entra em cena o afinador, o homem do ouvido apurado e de mão sensível.

\*\* CERÂMICA ARTÍSTICA, de Amilcar Lyra, 23'

Sinopse: Recuperando os desenhos e cores da época desde a Idade Média, alguns intelectuais impulsin na am em Porches, no Algarve, uma oficina-estúdio, em que foram chamados a colaborar os habitantes da terra, que integrando-se no espírito da pesquisa artística e introduzindo o que as suas aptidões naturais lhe ia sugerindo, desenvolveram esta arte popular.

\*\* AS CARROÇAS, de Amilcar Lyra, 30'

Sinopse: Antigo meio de transporte, utilizado por um tipo determinado de classe social, apesar do processo no campo dos transportes, persiste com características ancentrais que a caracterizam.

\*\* COBRES, de Amilcar Lyra, 30'

Sinopse: Os objectos de cobre, antiquíssimos utensílios de uso familiar, são ainda hoje fabricados quade nos mesmos moldes de há séculos. Tendo começado a incrementar-se a sua utilização como objectos de adorno e decoração, isso permitiu aos trabalhadores do sector manterem os seus postos de trabalho e também desenvolverem as suas aptidões artísticas manuais.

e) Série MOVIMENTO COOPERATIVO - 1977

Filmes em 16 m/m - P/B

TÉCNICOS:

Direcção de Fotografia: Elso Roque

Assistentes de Imagem: Pedro Efe

Montagem: António de Macedo  
Clara Diaz-Berrio  
Manuela Moura

Direcção de Som: António de Macedo(filho)

Direcção de Produção: César O.Monteiro  
Cremilde Mourão

\* \* \* . \* \* \* \*

\*\* MOVIMENTO COOPERATIVO - I, de Leonel Brito, 30'

Sinopse: O Movimento Cooperativo desde o seu inicio: a 1<sup>a</sup> República, a luta contra o fascismo, António Sérgio, a explosão do movimento em 1974 e a criação do Instituto António Sérgio.  
Depoimento de Emídio Santana e da Comissão Instaladora do Instituto António Sérgio.

\*\* MOVIMENTO COOPERATIVO , II , de Leonel Brito, 30'

Sinopse: O mesmo tema do filme anterior. Continuação.

Depoimento de Sá da Costa, Fernanda Lopes Cardoso e da Comissão Directiva da Federação das Cooperativas.

\*\* COOPERATIVA DE CONSUMO - A PIEDENSE, de Leonel Brito, 26'

Sinopse: Uma das mais antigas cooperativas da margem Sul que tem promovido o espírito cooperativo e mantido a classe dos seus sócios.

\*\* COOPERATIVA DE ÓPERA, de António de Macedo, 30°

Sinopse: Uma das mais recentes e até inesperadas iniciativas de associativismo cultural, verificou-se muito recentemente entre nós com a criação de uma cooperativa de ópera.

É provavelmente uma das poucas iniciativas deste género em todo o mundo, o que vem provar, por um lado, que em certos sectores a prática cooperativa não é muito usual mas que o movimento cooperativo se expande a todos os sectores da actividade, e sem provar que "mídas as vontades individuais num objectivo e ideais comuns se conseguem cooperativamente solucionar problemas técnicos, laborais e económicos e também artísticos.

\*\* COOPERATIVA AGRÍCOLA DE VINHOS, de Leonel Brito, 30°

Sinopse: Enquanto em determinadas zonas do País, caso a cintura industrial de Lisboa os trabalhadores se reuniram em Cooperativas, de consumo, de cultura, de recreio, etc. para fugirem aos vários tipos de intermediários criados pelo regime cooperativista, noutras zonas passa-se um fenómeno diverso e de certo modo contraditório. As cooperativas de vinhos são um dos exemplos típicos de agregados de grandes proprietários rurais, para deste modo conseguirem uma comercialização altamente rentável dos seus produtos.

\*\* COOPERATIVA DE PAIS DE DIMINUIDOS FÍSICOS, de Leonel Brito, 27°

Sinopse: Devido à quase completa ausência de auxílio e protecção por parte do estado cooperativista às crianças diminuidas físicas um grupo de pais decidiu formar uma cooperativa que protegesse e recuperasse estas crianças e fizesse delas cidadãos normais e aptos a desempenharem um papel válido numa sociedade futura mais justa e livre.

f) Série INVENTORES - 1977

Filmes em 16 m/m - P/B

TÉCNICOS:

Realização: Luís Galvão Teles

Direcção de Fotografia: Elso Roque  
Pedro EfeMontagem: Amílcar Lyra  
Clara Dias-Bérrio

Direcção de Som: Carlos Alberto

Direcção de Produção: César O. Monteiro  
Cremilde Mourão

Electricista: Amadeu Lomar

\* \* \* \* \*

\*\* INTRODUÇÃO, 25'

Sinopse: Problemática da invenção em Portugal, suas dificuldades e sucessos, desde a época dos descobrimentos, em que Pedro Nunes desempenhou um papel importante, passando por Gago Coutinho, Campos Rodrigues e outros. O apoio a dar aos inventores e suas realizações é um passo em frente para a integração de Portugal no Mercado Comum. A palavra é dada ao Engº. Duarte Fonseca, Presidente da Associação Portuguesa de Criatividade.

\*\* JOÃO RATOLA / HELDER PINÇÃO, 25'

Sinopse: a) João Ratola, antigo funcionário da Marinha Mercante, inventou e aperfeiçoou vários sistemas de carga e descarga de navios.  
b) Helder Pinção, engenheiro civil, é o criador de vários sistemas relacionados com a sua actividade.

\*\* AGNELO DAVID, 25'

Sinopse: Agnelo David, pequeno comerciante de Almeirim criou um sistema de aproveitamento da energia do vento, que, instalado ao longo da costa portuguesa sob a forma de várias unidades, resolveria a carência de energia que actualmente se faz sentir.

\*\* ROBERTO LIMA / GUILHERME MOREIRA / CAPITÃO GAMA, 25'

Sinopse: a) Roberto Lima, proprietário duma oficina de ramo automóvel é o inventor dum terminal de bateria.  
 b) Guilherme Moreira dedicou a sua atenção ao aperfeiçoamento do sistema de segurança aplicado a fechaduras para portas.  
 c) Capitão Gama, antigo oficial de exército, inventou e aperfeiçoou ferramentas que têm aplicação em oficinas auto, além dum berbequim e um saco-buchas para armas ligeiras.

\*\* JAIME FILIPE, 25'

Sinopse: Jaime Filipe é actualmente técnico do Centro de Formação da R.T.P. e tem dedicado a sua capacidade de inventor ao estudo dum músculo electro magnético aplicado a amputados. É também o pioneiro dos estudos efectuados para a descoberta do elecrovisor, aparelho que permite aos cegos uma leitura que dispensa o sistema braille, bem como da orquestrola, mais conhecido por Melotron. Por falta de apoio oficial, este inventor viu o seu trabalho suplantado pelo de equipas americanas que lançaram, com êxito, no mercado aparelhos semelhantes.

\*\* ENGº. DUARTE FONSECA, 25'

O Engº. Duarte Fonseca, criador e dinamizador da Associação Portuguesa de Criatividade e actualmente seu presidente, é um técnico que tem dedicado a sua atenção ao estudo dos mais variados aparelhos nomeadamente um tele-ondômetro para medição de valores relacionados com as ondas marítimas; um helicóptero, espécie de helicóptero comandado à distância e lançado para a extinção de fogos; e ainda um patim-bengala, invento futurista que preten-

de resolver a locomoção nas grandes cidades substituindo o automóvel.

\*\* ENGº DUARTE FONSECA - 2<sup>a</sup> PARTE , 25'

Sinopse: Continuando a apresentar a grande diversidade de aparelhos criados por este inventor, natural de Cabo Verde, a nossa atenção vai agora para uma barragem ecológica, cujo funcionamento resulta de aproveitamento e transformação de energia quer de vento quer da corrente dos rios. Para finalizar, explica-se ainda o funcionamento de um balizador Dina-Katé, aparelho entregue na sinalização de navegação marítima.

\*\* CLAUDIO VIEIRA / MAJOR SILVA MARQUES , 25'

Sinopse: a) Claudio Vieira, vendedor de automóveis é o inventor de um rotor sem bielas através do qual se consegue uma considerável redução de consumo de combustível e aumento de duração dos carros, tendo por comparação os motores normais.  
 b) Major Silva Marques, oficial na reserva, preocupa-se com a invenção de uma pistola-metralhadora quer pelas suas características e segundo as declarações suas, é ideal para ser usada por espiões. Dedica-se também ao estudo do aproveitamento da energia do vento.

\*\* ANTÓNIO PEREIRA NEVES, 25'

Sinopse: António Pereira Neves, oficial miliciano especialista de minas e armadilhas, sofreu na guerra Colonial, em Angola, um acidente em que perdeu a vista e os dois braços. Uma recuperação admirável, para a qual muito contribuiu a sua grande força de vontade e inteligência, tem sido facilitada pela criação, a que ele próprio se dedica, os objetos de uso pessoal adaptados à sua condição de cego e bi-amputado, como é o caso de talheres, uma máquina de escrever, um manípulo para uso do telefone e outros.

\*\* ENGº DIAS DOS SANTOS / MANUEL LOPES DA SILVA, 25'

Sinopse: a) Engº. Dias dos Santos apresenta-se como inventor com a criação de um capacete onde estão acoplados dois espelhos retrovisores, facilitando assim uma maior visibilidade aos motociclistas; dá-nos também a conhecer um chapéu de chuva com retenor de água escorrida.

b) Manuel Lopes da Silva, pequeno industrial de alfaias agrícolas, começou por inventar uma pequena máquina de cortar legumes, frutos e tubérculos e ainda outra de golpear pequenos chumbos para a pesca desportiva.

\*\* JÚLIO PEREIRA, 25'

Sinopse: Júlio Pereira é o que se pode chamar um homem de talento facetado. Numa pequena aldeia do concelho de Chaves, onde vive depois de regressar de Angola, tem-se dedicado desde há longos anos ao aperfeiçoamento de alfaias agrícolas, tais como tararas, debulhadoras, escaroladoras, prensas para bagaço, etc. além de pequenas ferramentas também para uso agrícola, como ripos para azeitona, estufas, luvas de couro para apanha de azeitona e café.

\*\* HUMBERTO FONSECA, 25'

Sinopse: A inventiva e a tecnologia aplicadas aos problemas do quotidiano. De como se pode obter uma maior rentabilidade industrial anulando "pontos mortos" numa cadeia de produção.

g) Série VIVER OU SOBREVIVER - 1977

Filmes em 16 m/m - P/B

TÉCNICOS:

Direcção de fotografia: Elso Roque  
Pedro Efe

Montagem: Manuela Moura

Direcção de Som: João Diogo

Direcção de Pordução: César O. Monteiro  
Cremilde Mourão

Electricista: Amadeu Lomar

Sinopse: Dos doze filmes previstos para esta série só foram realizados dois. Aí são focados os problemas da alimentação racional, da fome no mundo, os excessos e as carencias alimentares, etc. Os 2 programas são orientados pelo Dr. Júlio Roberto, um especialista nestas questões.

\*\* VIVER E SOBREVIVER - I , de Leonel Brito, 30'

\*\* VIVER E SOBREVIVER - II , de Luís Filipe Costa, 30'

\* \* \* \* \*

h) Série COLECTIVIDADES DE CULTURA E RECREIO  
(ainda não exibida pela R.T.P.) - 1978

Filmes em 16 m/m - P/B

TÉCNICOS:

Realização: Leonel Brito

Direcção de Fotografia: Elso Roque  
Pedro Efe

Montagem: Celeste Alves  
Leonor Guterres  
Manuela Moura

Chefe de Produção: Cremilde Mourão

Electricista: Amadeu Lomar

Sinopse: Pretende-se com esta série de programas mais do que fazer o simples levantamento das mais importantes colectividades culturais existentes no nosso País, proceder a uma análise, através de alguns exemplos criteriosamente escolhidos, do espirito associativo e do que tem levado, ao longo dos anos, os homens a associarem-se com uma finalidade "cultural," e das implicações de ordem política e sociológica que muitas vezes se ocultam por detrás de semelhante atitude.

Muitas destas associações e colectividades têm uma longa tradição, contam por vezes mais de um século de existência, atravessaram períodos extremamente agitados da vida nacional; algumas delas foram autênticos bastiões da resistência, ou de outra, reflectem o verdadeiro lado da "pequena história" do nosso País, a história das "pedras vivas" por oposição à história das "pedras mortas", de que nos falava António Sérgio.

\*\* RIO DE JANEIRO E BOA UNIÃO

\*\* OS FRANCESES

\*\* OS JOGRAIS DE ANTÓNIO ALEIXO

\*\* FILARMÓNICA MINERVA

\*\* INCRÍVEL ALMADENSE (colectivo)

\*\* ASSOCIAÇÃO AMADEU DUARTE

\*\* SOCIEDADE RECREATIVA MUSICAL TRAFARIENSE

i) Série ENSINO BÁSICO - 1976

Filmes em 16 m/m - P/B

TÉCNICOS:

Direcção de Fotografia: Elso Roque  
Pedro Efe

Montagem: Celeste Alves  
Leonor Guterres  
Manuela Moura

Direcção de Som: Carlos Aljustrel  
Queixinha

Direcção de Produção: Amílcar Lyra  
Cremilde Mourão  
Leônio Brito

Electricista: Amadeu Lomar

\* \* \* \* \*

\*\* INTRODUÇÃO, de Antônio Macedo, 30'

Sinopse: Entrevistas a elementos da Direcção Geral do Ensino Básico que expõem as directrizes do curso de professores primários a ser transmitido pela R.T.P. aos sábados. Generalidades sobre os problemas que afectam o ensino primário em Portugal.

\*\* A ESCOLA E A VIDA, de Amílcar Lyra,

Sinopse: A permanente relação da criança com o meio no seu desenvolvimento e na consciência que adquire.

\*\* MATERIAL DE ENSINO, de Amílcar Lyra,

Sinopse: A importância e a necessidade de utilização dos materiais de ensino. As experiências demonstradas da obtenção, produção e organização de diversos materiais.

FILMES NÃO INTEGRADO EM SÉRIES - 1975/78

Filmes em 16 m/m - P/B

## TÉCNICOS:

Direcção de Fotografia: Elso Roque

Montagem: Luís Galvão Teles

Manuela Moura

Solveig Seixas Santos

Assistentes de Montagem: Leonor Guterres

Direcção de Som: Carlos Alberto

João Diogo

Assistente de Som: Filipe dos Santos

Direcção de Produção: Amílcar Lyra

César O. Monteiro

João Franco

Leônio Brito

Electricista: Amadeu Lomar

\* \* \* \* \*

\*\* MOÇAMBIQUE, UM PROGRAMA COMEMORATIVO DA INDEPENDÊNCIA , de António da Macedo, 40'

Sinopse: A propósito da independência de Moçambique, procurou-se com este filme fazer uma rápida resenha da história cultural do povo moçambicano, com a sua intervenção nas artes plásticas e musicais, bem como, mais recentemente, as suas mais significativas manifestações literárias. Ao mesmo tempo, mostram-se algumas formas de influência recíproca entre colonizadores e colonizados.

\*\* CHORAR O ENTRUDO, de Luís Galvão Teles, 70'

Sinopse: A tentativa de reconstituição, por aqueles que o praticaram ou ouviram, de um costume carnavalesco e das aventuras que o rodeavam. A história do

desaparecimento desses costumes, durante o fascismo, através da repressão directa da G.N.R. e da censura mural.

\*\* A PROCISSÃO DOS BÉBADOS, de Luís Galvão Teles, 70'

Sinopse: Na aldeia da Casegas (1.500 habitantes, concelho da Covilhã) o tempo pascal é ainda celebrado com algumas cerimónias ou ritos populares especiais. Se o "domingo de aleluia" é o dia que o paroco percorre as várias casas da aldeia, dando "Nosso Senhor a beijer", fenómeno idêntico se passa na segunda feira com a justificação de que o percurso é excessivo para um só dia, mas, no fundo, para prolongar a festa, que aliás começa no sábado com a saída dos garotos com chocinhos e campanhas para "tocar os chocinhos" às portas de todos os que não se confessaram durante o ano.

\*\* A RAPARIGA DOS FÓSFOROS, de Luís Galvão Teles, 25'

Sinopse: Trata-se dumha adaptação do conto de José Cardoso Pires, "Dom Quixote, as Velhas Viúvas e a Rapariga dos Fósforos" (publicado no livro "Histórias de Amor" apreendido pela P.I.D.E. e mais tarde inserido na obra "Jogos de Azar"). Com interpretação de Margarida Carpineteiro, Orlando Costa, Josefina Silva, e Luís Lello. O filme tem ainda colaboração no genérico de Costa Reis. O argumento e a montagem pertencem ao realizador Luís Galvão Teles. Trata-se de uma rapariga virgem, com vida complicada e miserável, cujo único prazer é trincar fósforos. As suas relações desenrolam-se entre o namorado, a avó, com quem vive num tugúrio, e os encontros ocasionais de semiprostituição, que a levam ao hospital. As filmagens decorrem em cinco dias, com uma montagem que demorou duas semanas. É um filme com pontos significativos de comunicação com o público, girando à volta de uma personagem dramática, que vive situações intensas e de fácil identificação.

PRODUCÕES CINEQUANON

43.

O SETUBALENSE - UM JORNAL REGIONAL EM  
AUTO-GESTÃO

REALIZAÇÃO - Amílcar Lyra  
DIRECTOR DE FOTOGRAFIA - Elso Rocue  
DIRECTOR DE SOM - Paola Porru  
MONTAGEM - Solveig Seiyas Santos  
DIRECTOR DE PRODUÇÃO - Leonel Brito  
LABORATÓRIO DE IMAGEM - RTP e TOPIS  
LABORATÓRIO DE SOM - RTP e Valentim de  
Carvalho

Documentário - 16m/m P.P.  
Ano de Produção - 1975

... O comité de luta da cidade de Setúbal (comissões de moradores e trabalhadores) resolveu na sua reunião de ontem, ocumar as instalações da redacção do jornal "O SETUBALENSE", a fim de não permitir o avanço da direita e a tomada dos órgãos de informação pelas forças reaccionárias...

Informação revolucionária ao serviço da classe operária.

- Comité de luta de Setúbal, 20 de Outubro de 1975 -

Relato do processo de luta dos trabalhadores do jornal "O SETUBALENSE" contra o proprietário-director Dordallo-Pinheiro.

Posto ao serviço do poder monárquico este órgão de imprensa regional renova-se e cresce, aumentando a sua tiragem de 3.500 exemplares para cerca de 14.000.

Avançando no verdadeiro caminho de uma informação revolucionária, com o apoio das classes trabalhadoras, o jornal chega às comissões de trabalhadores e comissões de trabalhadores, onde encontra apoio para a sua luta e onde desenvolve novos esquemas de colaboração.

#### FILME SOBRE A LUTA DE "O SETUBALENSE"

##### EXTRAORDINÁRIO !!!

Quando da ocupação das instalações do jornal "O Setubalense", a Cineguanor, com a participação financeira do I.P.C., efectuou um filme com a duração de cerca de 30 minutos, que de inicio se destinara ao programa da R.T.P. "Artes e Ofícios".

Com o 25 de Novembro - data da chamada "ordem nova" - a Direcção da R.T.P. pluralista, democrática, independente, etc., etc., resolveu pura e simplesmente, considerar a exibição do filme como "não oportuna".

O filme sobre a luta "O Setubalense", estava assim condicionado aos arquivos holorentos da "pluralista" R.T.P., isto é, na linha "democrática" da censura...

A Cineguanor, sabendo da importância do filme em questão, travou uma luta titânica para o retirar das holorentas prateleiras da Televisão do Tomaz e de seus amigos.

Muita luta se travou - é certo. - contudo o filme saiu dessas prateleiras e, agora, pelas mãos dos seus criadores, está ao serviço de todos aqueles que sentem que a luta de "O Setubalense", é a luta do Povo de Portugal - a luta dos explorados contra os exploradores - a luta da justiça contra a injustiça.

Ao vermos o filme no último sábado, exibido no Salão Nobre da Câmara, foi o reviver de toda a luta que travamos. Lá estava a Família a vender o nosso jornal na rua: a C.T. da Inara e a venda de jornais no interior da fábrica a greve da Construção Civil - os muitos camaradas solidários connosco os miúdos que visitaram as nossas instalações.

No filme - o nosso e o vosso filme - a força revolucionária daqueles que não admitem que a nossa cidade venha a ter um jornal reaccionário. Setúbal e "O Setubalense" dos trabalhadores são insenháveis. Contudo, também é triste - mesmo muito triste - ver-se no filme alguns camaradas nossos, que na altura se mostraram solidários

com a luta então travada, estejam hoje ao lado de uma entidade patronal que, por oportunismo na ocasião condenaram. Para estes, se algum dia assistirem a este filme, analisem então, em que caminho anda a vossa consciência de trabalhadores. Contudo volto a dizer - nunca é tarde para ser revolucionário...

O filme veio na altura própria: aranhã, aqueles que conscientemente não traíram o seu pensamento, vão sentar-se no banco dos réus. A luta de "O Setubalense" não findou nem findará. A luta de "O Setubalense" irá provar mais uma vez que "a luta continua até à vitória final".

in "Nova Vida", de 30/5/77

#### GREVE NA CONSTRUÇÃO CIVIL

Documentário - 16 m/m P.B. - 1975

REALIZAÇÃO - Colectiva

DIRECTOR DE FOTOGRAFIA - Elso Roque

MONTAGEM - Solveig Seixas Santos

DIRECTOR DE SOM - Paola Porru

DIRECTOR DE PRODUÇÃO - Leonal Brito

#### SINOPSE:

Na sequência de graves conflitos que opuseram os trabalhadores da construção civil e o patronato, por um lado, e os trabalhadores e o Ministério de Trabalho e o próprio Governo, por outro, foi desencadeada uma greve no sector, com manifestações de rua que culminam em Lisboa com o sequestro do próprio 1º Ministro no Palácio de S. Bento.

Desta greve, que durou vários dias, e das lutas dos trabalhadores do sector, falam-nos alguns dos trabalhadores.

- Novembro 1975 -

"LIBERDADE PARA JOSÉ DIOGO"

Longa Metragem - Côr  
Ano - 1975

REALIZADOR - Luís Galvão Teles  
DIRECTOR DE FOTOGRAFIA - Elso Roque  
ASSISTENTE DE IMAGEM - Pedro Efe  
DIRECTOR DE PRODUÇÃO - Leonel Brito  
DIRECTOR DE SOM - João Diogo  
OPERADOR DE SOM - João Diogo (filho)  
MONTAGEM - Clara Diaz-Férrio e  
Manuela Moura  
LABORATÓRIO DE IMAGEM - Ulyssea Filme

JOSÉ DIOGO, 36 anos de idade, operário agrícola alentejano, preso desde 30/10/74, actualmente na cadeia de REJA. Trabalhou como tractorista, durante alguns meses, para o latifundiário Columbano Líbano Monteiro que fora durante 14 anos de regime fascista Presidente da Câmara Municipal de Castro Verde. As prepotências por este cometidas são inúmeras, imensas. Um dia, recusa-se a cumprir a convenção colectiva de trabalho (3 horas diárias).

... "Foi nesta altura que começou forte nossa discussão e em que eu me esgotei, pensando meus planos, de não ser deste carrasco mais escravo, exigindo-lhe o que me pertencia, e o que os outros meus colegas já beneficiavam das regalias do sindicato.

Claro tudo quanto o fascista me respondia era de mau grado chegando mesmo a enraivecer-se com o que lhe dizia.

Eu sempre lhe dizia que as leis eram para se cumprir então se eram para se cumprir então se eram leis para uns era para todos, que tempo já não era o mesmo do atrasado. Então o bicho raivoso, volta-se para mim dizendo que não tinha nada a ver com o que os outros lhe quisessem e que nunca tinha havido e não haverá um Presidente como o seu amigo Salazar, pois era o único que sabia o que queria e o que dizia. Que isto agora era um regime de bandidos, patifes, gatunos, etc. Tanto os trabalhadores como os sindicatos e até mesmo o próprio Governo novo não sabem o que dizem nem o que querem. E eu dizia-lhe não sei, são leis, estas tanto podem ser postas pelo sindicato como pelo próprio Governo Provisório, portanto seja como for, há

que cumprir estas leis, bem sabe que isto agora é  
Democracia não fascismo...

"AS HORAS DE MARIA"

FICHA TÉCNICA

ARGUMENTO, DIÁLOGO E REALIZAÇÃO - António  
de Macedo  
ASSISTENTE DE REALIZAÇÃO - Amilcar Lyra  
DIRECTOR DE FOTOGRAFIA - Elso Roque  
DIRECTOR DE PRODUÇÃO - Leonel Brito  
ANOTAÇÃO E MONTAGEM - Manuela Moura  
ASSISTENTE DE PRODUÇÃO - César Monteiro  
SECRETARIA DE PRODUÇÃO - Cremilde Mourão  
ADERECISTA - João Luís  
CARACTERIZAÇÃO - Luís Matos e Isabel Santos  
OPERADORES DE SOM - João Diogo e José de  
Carvalho  
CHEFE ILUMINADOR - João de Almeida  
ILUMINADORES - Amadeu Lomar e Fernando  
Augusto  
ESTÚDIO DE SOM - Valentim de Carvalho  
LABORATÓRIOS - Ulyssea Filme  
DURAÇÃO DE PRODUÇÃO - 1 h 40', Cór.

FICHA ARTÍSTICA

Cecília Guimarães  
Eugéia Bettencourt  
João D'Ávila

e a colaboração de:

Carlos Fernandes  
Leonel Brito  
Raúl Mendonça  
Nuno Aboim  
José Bissau  
Cremilde Mourão  
Sebastião Nobre  
Filomena Augusta  
João Roque

ANTÓNIO DE MACEDO ENTREVISTADO SOBRE "AS HORAS DE MARIA"

"Fátima Story" foi o princípio

— A ideia para "AS HORAS DE MARIA" surgiu a partir de uma reportagem que fiz a Fátima, com a qual realizei "Fátima Story", e tomou, forma, inspirando-me, depois, num facto real que recolhi num jornal - a violação de uma jovem pelo padrasto, numa aldeia portuguesa.

António Macedo narrou-nos seguidamente o ambiente que envolveu a sua reportagem a Fátima, integrado numa das peregrinações de Outubro. Aí, o realizador teve oportunidade de conhecer vários "casos humanos", de falar com os médicos do hospital (nella primeira vez foi filmado o interior deste estabelecimento de saúde pública e o seu lava-pés, onde os peregrinos são tratados, após as longas caminhadas de todos os pontos do País), de observar os hotéis que circundam o santuário, as estalagens com toronímica característica da zona, como "A Estalagem dos Três Pastorinhos", de atentar minuciosamente no negócio que se faz, onde estatuetas de Nossa Senhora de Fátima, feitas na Alemanha, são vendidas aos próprios turistas alemães por um preço exorbitante...

"Fátima Story", filme de 30 minutos, a preto e branco, não tem argumento, não tem texto. Apenas a acumulação das imagens elucidativas e as entrevistas resultam numa crítica - um povo que rasteja com a sua fé, que pode ou não ser criticável, fé que é adulterada pelo ambiente em redor, por todo o comércio consequente, que culmina nos padres a receberem dinheiro.

"Fátima Story" foi, pois, o princípio de "As Horas de Maria", um melodrama "sem preocupações de intelectualismo", no próprio dizer de António Macedo, "uma fita que pode ser vista por toda a gente". Para além da realidade local de Fátima e da história contada no jornal, António Macedo propôs-se fazer um filme de ficção. Do material retirado do Hospital de Fátima, o realizador colheu uma informação que considerou interessante e explorável: de todas as "graças" ou "milagres" que já tinham acontecido em Fátima, nenhuma se verificara ainda e essa era a cura da cegueira. Desta forma, António Macedo transformou a Maria da história do jornal numa rapariga cega, violada pelo padrasto na sua recôndita aldeia portuguesa, que, sofrendo de múltiplos traumatismos psicológicos, é internada num sanatório em Lisboa para doenças psíquicas.

Muito religiosa, Maria costuma ir todos os anos a Fátima implorar a cura da sua cegueira, em vão.

#### MELODRAMA SEM INTELECTUALISMOS

- O filme foi concebido como uma peça de teatro, com sobrevalorização do diálogo, uma espécie de "jeu de massacre", que vai criando crises entre os personagens - referiu-nos António Macedo - e Maria choca-se com as crises provocadas pelo médico e pela freira.

O realizador prosseguiu, analisando o seu filme:

Pretende-se com o diálogo e com este choque de Maria, colocar o espectador perante um certo tipo de realidades e perante todo o peso, que pode causar o arcaísmo, levando à destruição do indivíduo. Maria é, pois, o símbolo do indivíduo esmagado pelo poder, por um lado, o poder da Igreja, simbolizado pela madre do sanatório, e, por outro, pelo poder do progresso e da abertura, simbolizados pelo médico.

O argumento do filme, que tem uma duração de 105 minutos, é também de António Macedo, como acontece, aliás, com quase todos os seus filmes e trata-se de uma cena única, num quarto de hospital. As filmagens foram feitas num pavilhão da Faculdade de Agro nomia, na Ajuda.

in "A Capital", de 14/12/76

A temática dos filmes de António Macedo é-me quase sempre estranha, e não me descubro particularmente sensível às insistentes alegorias deste cineasta sobre à ambiguidade da fé e as malhas repressivas da Igreja. Cheguei depois do anti-clericalismo, e não encontro nestes filmes eco próximo das minhas preocupações. Contudo, creio que As horas de Maria consegue ultranassar alguns dos escolhidos filmes anteriores, e por motivos vários: por um lado, assumindo-se plenamente como um filme, não de tese, mas de ideias animadas por uma ficção; em segundo lugar, obtendo um equilíbrio notável entre a espessura humana desta ficção e a dialéctica conceptual que ela veicula e desfia; em terceiro lugar, ac evitar as inflações histerizantes de

anteriores filmes de Macedo, a obra desenvolver-se num estatuto insólito, e reversível a cada instante, que vacila entre um humor desastrado e um drama demasiado óbvio, sem nunca se definir num nível único de narração. Se acrescentarmos a tudo isto a segurança irrepreensível de Macedo, teros um filme que, podendo provocar violentas rejeições, quer pela problemática que levanta, quer pelo género estético em que se insere, não deixará de se impor pela autenticidade evidente e convincente das suas razões ideológicas e filmicas.

Eduardo Prado Coelho, "Quatro novos filmes Portugueses" in "Opção"

27/7/77

"AS HORAS DE MARIA", por Jorge Correia Jesuino

Vi "As Horas de Maria" em ante-estreia, no Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Um dia, inesperadamente, havia sessão especial para exibição do filme, estando presente António de Macedo.

Julgo que a impressão que então colhi e ainda conservo do filme foi em grande parte condicionada por essa circunstância. Por um lado havia que o ver "en psychologue", assumindo-se que o tema abordado e o seu tratamento tinham logo a ver com a psicologia. Por outro lado a presença de António de Macedo, com quem fui trocando impressões, e que me ia dando conta do que pretendia dizer com o seu filme, chamando a atenção para um ou outro pormenor mais subtil de que eu espontaneamente não teria votado.

É-me difícil abstrair de todo esse contexto e nem julgo que fosse desejável. Tenho pena que tais oportunidades não sejam mais frequentes pela atmosfera de participação generalizada que proporcionam. É possível que se perca um pouco em matéria de contemplação estética pelo que isso implica de solidão, recolhimento e silêncio. Ganha-se em contrapartida uma melhor inteligência da obra, sobretudo no que se refere ao seu conteúdo semântico. E aprende-se.

O meu testemunho "As Horas de Maria" passa pois por aí. Por heresia que pareça aos entendidos estará mais

perto do significado do que o significante...

A ideia central de António de Macedo parece ser a de uma certa inoperância quer da ciência quer da religião como vias possíveis para a salvação, entendendo-se, como soluções para os problemas humanos em que a própria condição humana se acha em causa.

A intenção é claramente expressa na nota introdutória ao guião e ele próprio nela sublinhou. Influenciado ou não por isso julgo que a tese em si mesma é exposta ao longo do filme com rigor.

António de Macedo nos propõe-nos uma espécie de psico-drama com três personagens as quais vão reconstituir, em tempo condensado, a "naixão de Maria". Essas três personagens são, além de Maria, a tia-freira e um médico, o dr. Firmino, mais arqueólogo do que médico, mutilado de guerra, e muito preocupado em desmistificar a história de Jesus, documentos na mão. A cena passa-se num pavilhão abandonado, anexo a um hospital onde Maria acaba de ser internada.

O espectador vai-se apercebendo da natureza profunda do conflito que conduz ao internamento de Maria à medida que esta vai, muito psicanaliticamente, contando a sua história. De início Maria surge-nos como uma jovem cega, devota e assustadiça, traumatizada por uma tentativa de violação por parte do padrasto. Com o andar das horas, todavia, a imagem de Maria vai mudando. A enorme força que dentro dela se alberga e desde logo detectada e expressa pelo médico, simbolizam as forças instintivas da própria vida, de qua a tia-freira obscuramente se apercebe e que implacavelmente combate, como lhe compete.

Maria transforma-se assim no símbolo do próprio pecado já que ela, na verdade, se revela e assume sempre como cúmplice: cúmplice o seu olhar fascinado perante o ritual obsceno que envolve o enforcamento do pai, cúmplice na cedência a um dos patrões da fábrica, "que se meteu com ela, aos treze anos", cúmplice no desejo de ser violada pelo padrasto, o que só não sucede por ele ser impotente, cúmplice, enfim, na sedução - transfert em que virá a envolver o médico e que mais uma vez aborta porque do sexo resta "apenas uma cicatriz".

Os traumas de Maria não são mais os superficiais, os aparentes, os que oficialmente figuram na ficha do seu caso. Eles situam-se a um nível psicológico mais profundo. Parece-me particularmente subtil a dialéctica imanente à situação, aqui proposta por Macedo. Maria, ao passar de vítima a cúmplice, e precisamente por isso mesmo, transforma-se novamente em vítima, mas agora a outro nível. É a dialéctica que resulta, de resto, do próprio anufofundamento das situações concretas. No caso de Maria ela torna-se de novo vítima porque inutilmente cúmplice, porque o outro sistematicamente bloqueia os seus ritos de passagem para uma outra forma de ser.

Ora para António Macedo essas forças que impodem a libertação de Maria e que fazem com que as suas horas estejam fatalmente contadas do autor, pelo "homo magicus" e pelo "homo technicus".

Para a tia-freira, obtusa e fanática, mas detentora da intuição certeira que advém dum longa tradição obscurantista, é óbvio que Maria tem de morrer: as instituições não podem dar-se ao luxo de qualquer possível milagre que fizesse Maria recuperar a vista, entenda-se que permitisse que Maria viesse a ter consciência da sua força e de a poder controlar. Para o "homo magicus" o inimigo é a lucidez.

Quanto à ciência, aqui simbolizada pelo desvirilizado dr. Firmino também, só por si, não ajudará a salvar Maria. A ciência observa, decifra, diagnostica. Se desce ao caso individual, em termos de cura, corre o risco de se transformar em sucedâneo religioso. Mas se pensa em termos gerais, que são os seus fatalmente que se distrai, fecha os olhos e colabora. Daí que Maria seja sempre vista à transparência, que o seu caso, a sua fé, remetem o dr. Firmino para longas e pedantes digressões histórico-criticas que, em filigrana, de certo apontam para uma outra racionalidade da vida em comum mas que, de imediato, deixam intactos os fantasmas de Maria e, o que é mais grave, a abandonam à fogueira da Santa Inquisição.

É todavia neste segundo momento dialéctico, passe o termo, que me parece que António de Macedo forçou. Não creio de forma alguma "que o feito máximo do "homo technicus" (não tanto como viajar até aos planetas), seja o desmantelamento de um mito civilacional que dura há dois mil anos".

Primeiro porque isso não corresponde aos factos: vejase, e ele próprio nos mostra, nas alucinantes sequências sobre Fátima como o mito saudável e próspero, a todo o momento não tem como vocação prioritária a caça às bruxas e muito menos o combate selectivo

a esse mito que dura há dois mil anos. Enfim porque a ciência é efectivamente força libertadora do homem, a ela em grande parte se devendo passos inequivocavelmente decisivos para a sua desalienação.

É possível que esta minha reserva pareça a António de Macedo, e não só, cabotina e banal. Estou, porém em crer que é com tais banalidades, menos ou mais científicas, que podemos acompanhar Maria nas suas horas e ajudá-la a ela, como ela igualmente nos pode ajudar a nós, a lutar contra as agressões que cegam.

in "Abril", nº 2, Março 78

### A C O N F E D E R A C Ã O

REALIZAÇÃO - Luís galvão Teles  
 ARGUMENTO - Amadeu Lopes Sabino e  
                  Luis Galvão Teles  
 IMAGEM - Elso Roque  
 SOM - João Diogo  
 MÚSICA - Sérgio Godinho, Fausto, José  
                  Mário Branco  
 INTÉPRETES - Margarida Carpinteiro,  
                  Carlos Cabral, Irene  
                  Ruivo, Jorge Cortês, Luis  
                  Santos, Jorge Vale...  
 PRODUÇÃO - Cinequanon, I.P.C., C.P.C.,  
                  Fund. C. Coulbankian.

Em 25 de Novembro de 1975, a burguesia pôs termo à situação de duplo poder que caracterizava a Revolução Portuguesa, nomeadamente após o 11 de Março, resolvendo-a a seu favor.

Ao lado do poder político da burguesia, impotente e ferido de morte, surgira, durante esse período, o poder embrionário do proletariado e dos seus aliados, assente nos órgãos do poder popular - comissões de moradores, de trabalhadores e de soldados.

A burguesia obtivera importantes vitórias pontuais, ao longo do Verão quente de 1975: a queda de Vasco Gonçalves e a formação do VI Governo não lhe permitiram porém restaurar o seu poder de Estado.

Em Setembro-Outubro de 1975, a movimentação popular atinge novos pontos altos.

Em 25 de Novembro, porém, um golpe militar de direita impôs o estado-de-sítio, afastou os militares de esquerda das posições de comando e do Conselho da Revolução, prendeu oficiais progressistas, destruiu a organização democrática no interior das Forças Armadas, dissolveu o COPCON, de Otelo, e os regimentos revolucionários.

Em 25 de Novembro, um ano e meio após o início da Revolução, murcharam os cravos de Abril.

#### PONTOS DE REFERÊNCIA

##### Origem

A Confederação - O Povo é que faz a História é um projecto que data de 1973, substancialmente transformado e enriquecido pela vivência de ano e meio de processo revolucionário e de uma prática cinematográfica em directo contacto com ele.

##### 1 - O Tema

Pode dizer-se que A Confederação é um filme sobre a opressão. Pode dizer-se, também que O Povo é que faz a História é um filme sobre a luta contra a opressão. Pode-se, portanto, dizer, como o faria Monsieur de La Falisse, que A Confederação - O Povo é que Faz a História é um filme sobre a opressão e a luta contra ela.

##### 2 - O Espaço

O filme desenvolve-se num espaço muito concreto: o de um País, chamado Portugal. Mas esse Portugal não é senão uma das pequenas peças de um "puzzle" gigantesco chamado mundo, cujos jogadores são os imperialistas, americanos e soviéticos.

##### 3 - O Tempo

A opressão de que se fala é a que estamos vivendo, aqui e agora, na sequência do golpe militar de direita do 25 de Novembro. Mas é também, dialeticamente, a opressão das nossas infâncias e a opressão que espera as infâncias que se hão-de seguir à nossa.

Para aqueles que angustiadamente se esforçam por encontrar para cada filme a sua chave, aqui fica um exemplar para que não tenham de bater com a cabeça nas portas. A chave reside aqui na luta entre dois filmes, entre dois discursos.

Um que se desenvolve - O retrato da opressão tirado pela câmara-olho da pequena burguesia que, viciada como está pelas suas imagens de classe, mais não é capaz do que fotografar os seus próprios fantasmas.

Outro que se anuncia - Como uma ruptura, como um exemplo, como a imagem da História: o da luta do povo, dos operários, camponeses e soldados, contra a opressão, contra todas as formas de opressão.

Luis Galvão Teles

A CONFEDERAÇÃO é uma associação de Estados: imaginária - ou talvez não.

Essa associação encontra-se dividida em duas grandes zonas geográficas de influência, o NORTE e o SUL, com exércitos simetricamente próprios.

Encontra-se dividida, também em duas grandes zonas ideológicas, a que correspondem duas cadeias de televisão simetricamente próprias: o Canal Vermelho e o Canal Verde.

A acção desenrola-se num dos Estados integrantes da Confederação: em Estado imaginário chamado Portugal.

O tempo em que se desenvolve a acção é abstracto: Portugal do 25 de Novembro - o seu passado distante, o seu futuro próprio.

Nesse Estado, a TV oficial, cujos jornais televisivos são compostos por amontoados de comunicados oficiais, apresentam um filme intitulado, precisamente, 'A CONFEDERAÇÃO', com o intuito de, pelo recurso ao método dos anti-cormos, curar o povo dos desvios esquerdistas.

Os personagens primeiros desse filme são Maria e António. A sua 'história' é simples. Têm ambos 35 anos, conhecem-se há já longos anos e encontram-se de quando em vez.

António é militar, ocupando o posto de 2º Tenente das milícias. Vêmo-lo, um dia, dirigir-se ao Centro de Mobilização para onde foi convocado, e, em seguida, deixar uma mensagem, em código para se encontrarem.

Maria é técnica especialista das Brigadas Anti-Sismicas. Vêmo-la, no mesmo dia dirigir-se ao seu local de trabalho e receber a mensagem em código, deixada por António.

O encontro dá-se às 10 horas da manhã, no Hotel da Graça, ali tomam banho, têm relações, dormem, sonham, recordam, falam: até ao momento em que era meio dia e vinte, António revela a Maria que foi de novo mobilizado para os Estados do Sul.

A simples história de António e Maria, que é o reflexo subjectivo da crise da pequena-burguesia perdida no meio da tempestade da luta de classes, não é porém, senão o ponto de partida para se introduzirem através dela, e para além dela, os personagens principais do filme: o Estado em que vivem - Portugal imaginário: o mundo de que este faz parte. - a CONFEDERAÇÃO.

Neste jogo de personagens se irá falando do amor e do militar, da Operação Branca de Neve e da vigilância sem rosto, do 25 de Novembro e da felicidade das crianças e da destruição da Rádio Renascença, das guerras justas e injustas e da Mocidade Portuguesa, do Hotel-Abrijo e dos abrigos, dos Centros Oficiais de Abastecimentos e das bichas de racionamento, da luta de classes e da militarização dos cidadãos, da opressão quotidiana e do transito, dos exercícios de alerta e dos bombardeamentos, dos slogans e da Miraculosa Rainha dos Céus, da invocação a St. Bárbara e da mesa de presidência (o juiz, o general e o cardeal) da colónia penitenciária e dos fuzileiros, de tudo e de nada.

A projeção do filme 'A CONFEDERAÇÃO' é, aqui e ali, interrompida pelo retomar da emissão de televisão, com os seus comunicados oficiais, as suas desculpas, os seus canais simétricos, as suas meditações de fim-de-dia.

Mas aqui e ali, um outro filme se anuncia, uma ou-

tra história, a HISTÓRIA. Abruptamente o filme ou a emissão de televisão sofrem interferências de imagens e sons em que se canta e se mostra a luta do povo contra a sua exploração - em Portugal, depois do 25 de Abril, mas não só:

Contra a fome é a nossa guerra  
De vitória em vitória  
O Povo é que faz a HISTÓRIA

GENTE DO NORTE ou A HISTÓRIA DE VILA RICA

REALIZAÇÃO - Leonel Brito  
TEXTO - Rogério Rodrigues  
DIRECTOR DE FOTOGRAFIA - Elso Roque  
ELECTRICISTA - Amadeu Lomar  
OPERADOR DE SOM - António de Sousa  
Dias de Macedo  
VOZ - Luís Lello  
MÚSICA - José Mário Branco  
MONTAGEM - Clara Diaz Bérrio  
CHEFE DE PRODUÇÃO - César Monteiro  
ASSISTENTE DE PRODUÇÃO - Cremilde  
Mourão  
SECRETÁRIA DE PRODUÇÃO - Ana Paula  
Veríssimo  
LABORATÓRIO DE IMAGEM - Tobis Portuguesa  
ESTÚDIO DE SOM - Exa, Cinequina, Valentim de Carvalho  
PRODUÇÃO - Cinecuanon, subsidiada  
pela Fund. C. Gulbenkian

16 m/m - cor - 55 min.

"Gente do Norte" - Estreia auspiciosa

Um novo realizador, Leonel de Brito, acaba de surgir da melhor maneira, dirigindo um filme que nos propõe a visão honesta e simples de uma das mais antigas terras de Trás-os-Montes: Moncorvo, a vetusta Vilarica doutros tempos.

Nos últimos três anos, uma boa parte do cinema na-

cional mostrou-nos um País falso e partidário, ouvindo do novo apenas a facção que convinha, esquecendo as marcas positivas da história, calcando, na pressa de fazer a revolução, um solo regado com o suor do povo e um tempo visível nas pedras que a arte e o trabalho amontoaram.

"Gente do Norte ou a história de Vilarica" faz, obviamente, a sua opção ideológica, mas sem faccionismo partidário. A terra e a vida, o esforço e a história são entendidos num bloco duro e profundo como Trás-os-Montes, numa verdade plena que as imagens e as palavras não dividem. Para Leonel de Brito e para Rogério Rodrigues, autor do texto, Moncorvo é captado num momento importante da sua transformação histórica. Eles dão-nos conta do homem novo e dos erros do homem velho, indentificando-o com um sistema que sufocara a livre expansão da terra e da gente. Mas fazem-no sem acinte, por vezes com pena, aqui e além com certa paixão.

Surpreendeu-nos, sobretudo, o modo como nos foi mostrada a gente nova, gente que nos mais pequenos menores substituiu os velhos usos pelas práticas modernas: são os jeans que substituem as saias, são as casas "afrancesadas" dos emigrantes, são as aulas em que a figura da "heidi" substitui motivos tradicionais, é a televisão e os ritmos do gira-dicos e da "cassete", os blusões e o cigarro de tenra idade.

Ao mesmo tempo, com um respeito aqui e além cortado de ironia, as velhas tradições vão anarcendo, mas cada vez com menos gente, como a procissão ou o enterro. Outros momentos levam-nos junto dos testemunhos do passado, o velho castro semeado de oliveiras e abandono, as minas de volfrânia abandonadas, a grande e imponente Igreja Matriz, a casa rica tipicamente transmontana e mobilada com o recheio da História, a oficina humilde e tradicional.

Sente-se que Leonel de Brito conhece o lugar e as pessoas, que os dá um testemunho do seu tempo. E que sabe falar-nos dos dois dramas principais que dilaceraram a terra transmontana: a emigração e a descolonização.

Na voz de emigrantes e seus filhos sente-se a ambição de uma vida melhor e vêem-se nascer novas raízes inclusivamente nova classe que o dinheiro conquistado no sacrifício consegue sustentar: na voz dos retornados, escutada sem ódio, adivinha-se o drama, mas vê-se surgir pouco a pouco o seu quotidiano.

no de África (é excelente a sequência do "merengue em plena serra transmontana, um ritmo que parece estar a ser ouvido em Luanda e que surge aqui dançado com o mesmo entusiasmo) e o esforço de adaptação ao novo tempo, com as casas construídas na cintura de Moncorvo, dando à vila o jeito de terra em progresso, acordando lentamente, agora que o tempo novo chegou, difícil, mas realmente novo.

A fotografia de Elso Roque transmite com serenidade (aliás a realização não força o ritmo nem impõe uma visão dirigida, preferindo planos longos onde muitas acontecem e adensam a visão livre do espectador) a natureza e o povoado, as casas por fora e os interiores aqui e além com com um certo exagero de "zoom", de modo a restituir-nos o documento, a descrição pausada de Moncorvo e do seu termo. Leonel de Brito, que se estreia depois de longa prática de produção da Cinequanon, precisa apenas de melhorar o tempo dos planos e o ritmo do corte e teremos de saudar um realizador capaz de compreender e transmitir a terra portuguesa. Uma das últimas sequências na grande praça, com os vários gruços de cá para lá, é um momento de muito bom cinema, cinema que o Festival da Figueira galardou com o prémio 'D. Quixote', da Federação Internacional dos Cineclubes.

por Luís de Pina. in 'O Dia'

19/9/77

#### O OUTRO LADO DO 25 DE ABRIL EM 'GENTE DO NORTE'

O futuro vai dizer - um futuro muito próximo, julgamos - se algumas películas portuguesas rodadas anos o 25 de Abril têm realmente valor testemunhal ou são o resultado de mero oportunismo político. O tempo corrige muita coisa e, desde já, o maniqueísmo das algumas dessas obras e a sua incapacidade expressiva, disfarçados sob a eterna desculpa da militância, são confrangedoras. A realidade portuguesa é demasiado complexa para ser mostrada dum maneira tão simples.

Quanto tempo teremos de suportar no cinema português

o período dos "rinocerontes no jardim" é assunto que também só o futuro poderá decretar e, neste momento difícil de crise e de incerteza que todos nós construímos um pouco e não foram só "eles" que fizeram, ninguém se arrisca em futurologias. Alguns fragmentos do cinema pós 25 de Abril não são mais do que tristes sucedâneos da desastrosa campanha de dinamização cultural dos anos 74-75. A realidade e as tradições que se queiram modificar afirmaram-se mais fortes do que a vulgata pseudoprogressista que se pretendia levar a todos os domicílios em mais uma manobra de centralização e despersonalização cultural.

O optimismo balofo de alguns desses testemunhos, o simplismo atroz das suas mensagens, a própria pobreza intelectual que demonstram, a gênese burocrática dos seus recados levam a concluir que, em alguns casos, os erros foram demasiado evidentes para não se poder ainda arrepender caminho.

"Gente do Norte", de Leonel de Brito, é um filme corajoso na medida em que rejeita toda essa facilidade trágica. Em certo sentido, é contra a corrente. Procura olhar mais o interior do que o exterior. E com alguma razão. É no interior que as mais profundas modificações se passam e não em comícios especulares ou em declarações retumbante.

"Gente do Norte" reflecte algo que os ensaístas, os cronistas e os historiadores do nosso contemporâneo mais imediato têm tendência a esquecer, isto é, que devido a uma Revolução cujas últimas consequências ainda não estão estudadas, o homem português da segunda metade dos anos 70, apesar das imensas dificuldades da hora actual, é um homem diferente e deixou de ser a sombra cómoda, o indivíduo sem rosto do passado em que os senhores passavam ao lado dos deserdados sem sequer os reconhecerem.

O filme de Leonel de Brito, um dos membros da cooperativa Cinequanon, dá-nos conta dessa mudança numa média metragem de 55 minutos (embora o material filmado exceda largamente essa dimensão temporal onde se analisa a vida de Trás-os-Montes, a mais desconhecida das nossas províncias e até aqui também a mais tradicionalmente esquecida pelo Terreiro do Paço).

Dantes a praça era ocupada por uma meia-dúzia de homens. Mas hoje a vila é diferente e a juventude invadiu a praça da mesma maneira que fez "explosão escolar" nos estabelecimentos do ensino. As camisolas e os "jeans" da gente nova desfilando na praça outrora de alguns respeitáveis é um sinal indesmentível do que os tempos mudaram e que outra geração e outra

mentalidade ocupam vãcos deixados por uma fossilização do poder que durou demasiado.

- "Gente do Norte" interroga mesmo os que vieram das ex-colónias portuguesas e cujo impacto se faz sentir no meio para o qual trouxeram atitudes diferentes e inclusive as pessoas da família dos emigrantes cuja multiplicação de casas novas leva à passagem para a história do centro senhorial da vila - o baluarte altivo já não reina, no Portugal dos nossos dias, sobre o vale e sobre os homens que nele habitam.

Ocorre daqui dizer que se trata da análise da grandeza e decadência dum determinado tipo de sociedade, da sua perspectiva, história e da lenta mas irreversível abertura para novos horizontes.

Rodando à volta dum burgo, criando a monografia dum terra esquecida, a média metragem de Leonel de Brito revela a outra face do 25 de Abril, a revolução silenciosa que tem modificado ambientes e mentalidades, criado novos hábitos e abolido imensas servidões.

por José Vaz Pereira, in "A Capital"

23/2/78

O OUTRO TEATRO OU AS COISAS PERTENCEM A QUEM AS  
TORNA MELHORES

REALIZAÇÃO E MONTAGEM - António de Macedo  
e Manuela Moura

DIRECTOR DE FOTOGRAFIA - Elso Roque

ASSISTENTE DE IMAGEM - Pedro Efe

DIRECTOR DE PRODUÇÃO - Leonel Brito

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO - César Monteiro  
e Cremilde  
Mourão

OPERADOR DE SOM - João Diogo

ASSISTENTE DE SOM - António de Sousa  
Dias de Macedo

LABORATÓRIO DE IMAGEM - Ulyssea Filme

ESTÚDIO DE SOM - Valentim de Carvalho

PRODUÇÃO - Cinequanón

Há poucos anos, em Portugal, não havia praticamente teatro - salvo o teatro de estado e o teatro comercial e de revista.

Dificuldades de várias ordem explicavam esse fenômeno. O monopólio empresarial, a falta de apoio do estado, a censura, a impreparação do público, entre outros factores aniquilavam algumas das poucas, valiosas experiências de renovação teatral no meio português. Pioneiro no campo da renovação do conceito surgiu o "Teatro Experimental do Porto", dirigido por Antônio Pedro, cuja actuação constitui um marco na história do teatro em Portugal. Depois, o "Teatro de Lisboa", e, a pouco e pouco, prelongando-se pelo teatro universitário, todo um fervilhar de agrupamentos começa a romper o peso da política anti-cultural do fascismo. O "Teatro Estúdio de Lisboa", "Os Bonecreiros", "O Grupo 4", a "Comuna", a "Cornucópia", etc., entre outros, desenvolvem a actividade que nodem antes do 25 de Abril. Actualmente, existe um grande número de companhias das mais variadas tendências numa proliferação de experiências do maior interesse, reunindo uma juventude entusiasta sob formas de agrupação laboral que recusam as sujeições tradicionais, quer a esquemas importados de encenação, quer a um patronato monopolista, de estado ou privado. O aparecimento da A.G.I.T., por exemplo, é um fenômeno que bem merece ser analisado, bem como uma certa fragmentação que hoje, novamente, ameaça o teatro independente.

Este filme pretende, de uma forma dinâmica e sucinta, constituir um requisitório sobre os grupos independentes, inquirir dos porquês da sua proliferação, os seus problemas mais prementes, e as perspectivas para o futuro.

#### "O OUTRO TEATRO" - novo filme de Antônio Macedo

O cinema português de raiz documental conhece, hoje, tendências e caracterização que levam a estimá-lo como um dos tipos filmicos mais bem desenvolvidos e apurados. Se ao longo dos anos sempre se revelou propensão, entre nós, para o documentarismo (anesar da pouca atenção que tem merecido a críticos e historiadores), foi na década de 60 que reivindicou foros de honorabilidade, com os homens do cinema novo, muitos dos quais vieram a consagrá-los e a amadurecer-se em liberdade, após o 25 de Abril, com os chamados testemunhos da intervenção.

António de Macedo é um desses nomes que, inevitavelmente teremos de saudar, pela sua constante e exemplar actividade quer na linha de ficção quer na documental, pela peculiaridade dos temas recriados ou das realidades em perspectiva, por vezes com interessantes ligações entre uns e outras... Ora, precisamente na sua última obra, "O Outro Teatro ou as Coisas. Pertencem a quem as Torna Melhores", é possível ver explorados esses níveis de referência sobre o conceito do espectáculo e sua transcrição artística, factual, na biografia e nas vivências daqueles que, no palco, dão alma e expressão ao conteúdo romanesco.

"O Outro Teatro" é dedicado às manifestações independentes que, a partir do Teatro Experimental do Porto com António Pedro, contribuíram para transformar a noção de teatro até então praticamente instituída entre nós (oficial e comercialmente, ou no ramo de revista), participando activamente na própria alteração do gosto e exigências do público. O filme realça, ainda, o monopolismo empresarial, a falta de apoio do Estado e a censura entre os factores que mais concorriam para a manutenção duma situação, a que só o 25 de Abril veio pôr cobro, destacando, não obstante a intervenção essencial da série de agrupamentos que já antes, após o surgimento do Teatro Moderno de Lisboa e as várias manifestações de teatro universitário, participaram numa ruptura com a política anticultural do fascismo: Teatro Estúdios de Lisboa, Os Bonecreiros, Grupo 4, Comuna, Cornucópia...

Procedendo a um fundamental esboço histórico, registando lapsos de representações, ouvindo os diversos grupos, ilustrando manifestações suas, paralelas, extremamente válidas, tudo isto numa linha de exposição/pesquisa dinâmica e sugestiva, "O Outro Teatro" considera, finalmente, as características fundamentais de opção prática e organização que actualmente sobressaem entre nós ao que anda ligado outro tipo de problemáticas, como a proliferação de agrupamentos independentes, as carências que mais os ameaçam e os desígnios que hão-de influir no futuro.

por José de Matos-Cruz in  
"Diário Popular"

5/11/77

"COLONIA E VILÕES"

16 m/m, 60', P.B. CR

REALIZAÇÃO - Leonel Brito  
 FOTOGRAFIA - Elso Roque  
 ASSISTENTE DE IMAGEM - Pedro Efe  
 SOM - João Diogo  
 ELECTRICISTA - Amadeu Lomar  
*Manuela Moura* MONTAGEM - Clara Diaz-Bérrio  
 LABORATÓRIO DE IMAGEM - Ulyssea Filmes  
 ESTÚDIO DE SOM - Valentim de Carvalho  
 PRODUÇÃO - Cineguanón

Quais os fundamentos de "Colonia e Vilões"?

~ A ideia de fazer um filme sobre a situação do trabalho rural da Madeira é antiga. Em 1967 estive na ilha, e foi daí que fiquei com vontade de filmar sobre uma situação que é, quase na sua totalidade, desconhecida no continente.

Existe um contrato de colonia abrangendo trinta por cento da agricultura madeirense, verbal, que faz parte dos usos e costumes...

Surge com a própria história da ilha, que não era habitada. A partir de 1420, ao dar-se a sua colonização, procede-se à divisão em capitâncias com capitães donatários, e as terras são entreques pelo infante D. Henrique e, dencis pelos capitães donatários, a nobres portugueses ou europeus (flamengos e italianos).... Essa entrega baseia-se na Lei das Sesmarias de D. Fernando, fazendo-se a colonização da Madeira com os ladrões bons (aqueles que não tinham crimes de morte ou de fé), com escravos recolhidos no Norte de África (após a conquista de Ceuta) e com os vilões - servos da gleba (o novo português).

Com a Lei dos Vínculos e dos Morgadios, a propriedade torna-se inalienável e, ao ser colonizada a Madeira, verifica-se um período imediato de grande esplendor, com a cana-de-açúcar... Trata-se do sítio onde ela é explorada, em óptimas condições - mais perto da Europa. Os senhores da terra enriquecem de imediato - o que traz a corrupção, o luxo, os vícios a as taras da corte: vão viver para a cidade (Funchal) e outros para a capital - entregando as terras a colonos.

Daqui surge o contrato de colonia, que nunca existiu em Portugal: libertando-se os escravos, os servos da gleba (vilões) são quem trabalha a terra, desmata terras virgens, faz caminhos os socalcos, a captação da água... O senhor só tem o título no fundo, a propriedade agrícola é feita pelo colono, que tem de entregar metade do que produz ao senhor. Paga-lhe um aluguer pela construção de casas: a parte melhor de porcos e galinhas... Este costume mantém-se!

Nunca houve reacções?

- Sim em 1820 um governador denunciou o contrato de colonia como o principal responsável pela crise da agricultura na Madeira. E, depois do 25 de Abril, houve uma outra tentativa...

Como a queda dos morgados, as terras começaram a ser divididas e compradas pelo senhor da cidade e, com essa venda, o colono tornou-se quase um escravo, entregando os produtos a outros senhorios. Ainda hoje, filhos de camponeses que abandonaram a Madeira, pela emigração, acabam por investir nessas terras... Grandes proprietários, na Madeira, foram a diocese, os conventos (o de Santa Clara, por exemplo), a Misericórdia...

Após o 25 de Abril, como já disse, houve uma tentativa para acabar com tal estado de coisas pois todos reconhecem, os partidos políticos, que é insustentável - só as propostas são diferentes: o governo P.S.D. quer transformar a colonia em contrato de arrendamento, o que significa tornar uma situação pré-capitalista numa situação capitalista... O colono (caseiro) é que fez tudo: as terras estavam virgens e não pode, pois, falar-se em arrendamento.

Os colonos criaram uma associação (União de Caseiros da Ilha da Madeira), através da qual recusam o arrendamento e pretendem fazer contas com o senhorio: se já investiram mais que o senhorio, a terra pertence-lhes: se o contrato ainda é recente, pagam-lhe.

Quais as características da população madeirense?

- Todo o povo é muito religioso, e quem tem o poder é a Igreja, embora haja padres progressistas que proclamam que "a terra é de Deus, o fruto de quem a trabalha"...

Os caseiros têm uma proposta de decreto para a

abolição imediata da colonia, mas ainda se não passou de estudos: um no tempo de Vasco Gonçalves, agora outro na Assembleia Regional.

A exploração das pessoas é, mais, levada às últimas consequências, e penso que o tentar trazer uma situação medieval ao Cinema pode ajudar a acabar vencedora a luta dos caseiros: eis o que nos levou lá.

Descobrimos, além disso, outras coisas que nos parece importante divulgar, como a forte participação da mulher em todos os movimentos (sociais, políticos) de libertação do homem: E não são jovens, mas de cinquenta, sessenta anos, analfabetas... Mulheres espantosas, com oito, nove filhos, marido emigrado ou alcoólico: a responsabilidade dos miúdos, da casa, da lida diária, pertence-lhes, é delas. Foi o que mais admirei na Madeira.

Elas explicaram-nos as suas lutas e o sentido das realidades melhor que ninguém.

Acho, ainda, de realçar a participação da Igreja na vida da Madeira: o poder de facto está nas mãos da diocese; o grande senhor é o bispo.

Devido às suas características, a Madeira não tem grandes aglomerados populacionais: praticamente não há aldeias ou vilas, as casas ficam disseminadas pelos socalcos, o elo de ligação é a própria paróquia. Não se diz "a aldeia", mas "a paróquia" tal...

O único centro cultural social é o salão paroquial e o padre quem, após o ritual religioso, dá as notícias: que há um comício do P.S.D., ou que chegou uma equipa de cinema do continente...

Ora, como a repressão sobre a gente da Madeira é exercida pela Igreja, é possível uma analogia com o "movimento dos capitães" - gerado no próprio corno do exército colonial - que haveria de levar ao esmagamento do fascismo. É nessa prática de repressão que surgiria o 25 de Abril...

Quanto à Madeira, que teve um estatuto de colónia, não houve um exército colonial repressivo: a repressão ideológica é exercida pela Igreja, como instituição: ela tem os jornais, a rádio, tem a forte rede de padres em todas as paróquias.

Ora, em zonas de grandes índices de analfabetismo e miséria, vamos encontrar grandes igrejas novas. Aquele domínio origina o contacto dia a dia com a população, que faz com que surjam também os padres de Abril: o padre Martins e outros dezasseis, que pediram a retirada do bispo da diocese do Funchal. Eles acham-se em contacto com o povo, a realidade de exploração ainda medievalista e o obscurantismo (os padres chegam a ir à Venezuela ou à África do Sul buscar dinheiro aos emigrantes !), pelo que participam para a libertação do povo.

O padre Martins, em cinco meses, à frente da Câmara do Machico, abriu estradas, pôs luz, levou a água, do mesmo modo que o brigadeiro Azeredo, representante do Poder (governador civil e militar - quase com a capacidade dos antigos donatários), nada fez na luta contra os bombistas (que, na Madeira, formaram a Flama - organização separatista que, com a tomada de posse do governo P.S.D., deixou de existir e extrema-direita com figuras medíocres da ex-A.N.P.)...

Qual a incidência de "Colonia e Vilões" ?

- O filme tenta abordar, a partir da análise das forças históricas da ilha, porque existiram e porque persistem as colónias - mesmo agora, após o 25 de Abril.

Há o caso do Palácio de São Lourenço, onde sempre estiveram os governadores civis e militares, no grande centro da baixa do Funchal: foi para aí que Spínola enviou Tomás e Caetano... O actual governo chegou à ilha a 27 de Abril e, nesse mesmo dia, realizou-se a eleição "Miss Madeira" no Hotel Savoy.. Por parte do Governo Central houve um alheamento permanente, que persiste.

A Madeira é a primeira pedra de colonização portuguesa, em 1420, com o infante D. Henrique como chefe da Ordem de Cristo... A colonização esteve sempre ligada à Igreja, à expansão da fé, quando Gonçalves Zarco deu à baía do Machico mandou construir fortaleza que, ao longo dos anos, sofreu transformações: o poder político acompanha a expansão religiosa, sua ocupação ou manutenção pela força.

Com o termo do império colonial, que durou do século XV até 1974, deu-se a descolonização que, irremediavelmente, causou o regresso dos colonos, ou os retornados. Pois no Machico, por exemplo, aquelas construções estão utilizadas para residência de

retornados: há um casal que habita, mesmo, na igreja ! É bem um ciclo que se fecha...

O filme inclui, ainda, uma recolha de folclore - desde músicas bastante antigas a cantares populares que lembram as cantigas de amigo, o que tem a ver com os trovadores e o isolamento em que as pessoas viveram até agora.

Aborda, finalmente, a dominação inglesa da ilha, nos séculos XVIII e XIX, em que a Madeira se tornou em feudo britânico... Ainda hoje, os grandes negócios de hotéis, bordados ou vinhos de exportação são ingleses, até mesmo um diário. A pequena burguesia citadina, para viver e sobreviver, tem de falar inglês !

O ciclo da cana-de-açucar, do vinho e do ciclo do sol (turismo) são as grandes etapas da exploração do povo: a exploração rural e a consequente emigração...

entrevista conduzida  
por José de Matos-Cruz

"Diário Popular"  
15/1/77

"AREIA, LODO E MAR"

REALIZAÇÃO - Amilcar Lira  
DIRECTOR DE FOTOGRAFIA - Elso Roque  
DIRECTOR DE PRODUÇÃO - Leonel Brito  
MONTAGEM - Teresa Vaz da Silva  
Manuela Moura  
Leonor Guterres  
OPERADOR DE SOM - João Diogo  
Paola Porru  
ASSISTENTE DE PRODUÇÃO - César Monteiro  
Cremilde Mourão  
ASSISTENTE DE IMAGEM - Pedro Efe  
ELECTRICISTA - Areadeu Lomar  
TRANSCRIÇÕES E RUÍDOS DE SALA - Valentim  
de Carvalho  
MISTURA - San Matteo  
(Estúdio EXA Film/Madrid)  
LABORATÓRIO - Tobis Portuguesa  
1.ª Cópia Síncrona - Ulyssea Filmes

a ideia do filme - o filme - assim se faz a história.

Agosto de 75. Algarve. Filma-se "Ruínas no Interior",  
1. l-m. de J. Sá Caetano, volvido de Londres para  
ver (viver, ler, "ler", conhecer) a revolução.

Primeiro tinham havido os abraços no pinhal do  
Rei... Passava a caleche com o "Avô" e a Constança  
Navarro e o transistor do assistente - P.C. anun-  
ciava a F.U.R.

Hoje a "Avô" já não é viva e o Jacinto - quase  
também - diz assim aos emigrantes: ... "Entretan-  
to aqueles que tentaram destruir a democracia, vão  
afivelar a máscara de derocratas no jogo recuando  
em boa ordem" ...

A praia onde se simularia a queda do avião, (c/  
aquele horrível nevoeiro espanhol, mais o Brian  
e o João Paulo e eu a fazer de piloto morto) foi  
encontrada nas traseiras de uma aldeia.

Na Ilha da Culatra. Na aldeia da Culatra. No arqui-  
pélago de Faro. No desconhecido.

.....

Em Dezembro desse ano, quando fui ver como era lá  
o Inverno, levámos uma máquina de filmar e um gra-  
vador...

Não se esquecem mais aquelas horas fechados na bi-  
lheteira dos barcos eu e o Roque com a tempestade  
cá fora logo ali o barrete de lá e o boné seguros  
com a mão a tapar o postigo para salvar a máquina  
da "constipação" certa a para gelar a mão.

.....

Esperámos pelo Verão para tornar a falar com o Ti  
Zé Estoi, nosso construtor de montagem e, agora  
levámos também o calção.

.....

Repetimos os nasceres do Sol na ria que havíamos

feito com o 'maluco' do Ciriano e a sua traineira-carreira de autocarro. Desta vez não houve pratos partidos no Siroco, mas fôfias dormidas no Eva, que dista 45' pelo ziguezagueante percurso da ria em barco a motor, da aldeia.

.....

À distância de um ano e meio à espera da cópia sincrona que a Tobis um dia hár-de ter pronta (valhão São Cunha Telles), a reflexão-do-maple-hi-fi empurra-me para estas linhas, e para um filme que é, pode dizer-se, o meu primeiro (é também dos outros !...).

Um filme sobre a ilha da Culatra.  
Sobre os seus habitantes.  
Quase dois mil.

Quase mais.

E a areia suja. O Sol. E o calor

.....

(Juca Chaves)

E o mar chão e passear  
c/água p'lo joelho  
fôrâ da barra

no mar.

As casas de poços no quintal.  
As carências que parecem definitivas.  
O calor.

A já não-revolta.  
O 25 de Abril a tardar a tardar muito.  
E o de Novembro ainda mais: ou ainda menos; ou ainda bem...

- que tarda -

(Carlos Santana - tropicalmente batucando)

.....  
"Não pode ter mais de 55 minutos para poder ser vendável à T.V."

Corto o quê ?

Construo ou desfaço ?

71.

Demonstro ou mostro ?

(Luis Rego - lembras-te daquele colégio de Entre-Campos ?)

.....

A Isabel Colaço diz que o filme vai a Cannes em "versão original" pois não há tempo para legendar. Isto faz algum sentido ti Bento ?

Os vossos nomes escapam-se, mas vou talvez falar-vos de novo quando agora voltar ao Sul para fazer cinema semi-alimentar.

(semi-cinema alimentar - semi-cinema-semi-alimentar.

Desde Abril de 77 esperámos que o Ilídio arranjas-se o cupreto do Valentim.

Esperámos muito. Demais.

Até Fevereiro de 78.

Mas foi o San Matteo que fez a mistura. Em Madrid... (sem mim).

Um filme vai ficar pronto...

(Rolling Stones - I can't get no satisfaction)

- "Passam exactamente 4 minutos das quinze"

Lisboa, 1 de Abril de 1978

### "O PRÍNCIPE COM ORELHAS DE BURRO"

Entrevista com António Macedo conduzida por Francisco Belard

- Você tem estado a trabalhar com base numa obra de José Régio...

ANTÓNIO MACEDO - É "O Príncipe com Orelhas de Burro". As filmagens estão prontas - com excepção destes inserts que estamos a fazer agora, uns efeitos especiais para semear ao longo do filme - e estamos pois na fase da montagem, sincronização de imagem e de som. Calculo que dentro de três a quatro meses possamos ter a fita pronta.

A curiosidade que há em relação ao "Príncipe com Orelhas de Burro" está em ser uma das poucas vezes em que tem sido feita uma experiência de colaboração entre teatro e cinema. Há um grupo de cinema, que é a nossa cooperativa, a Cinequanón, e uma Cooperativa de teatro, que são os Cómicos. Fizemos um acordo com eles, combinámos condições contratuais e juntaram-se a nós. Eles eram ao todo cerca de doze actores. Ora no filme há trinta e duas personagens, que tiveram de ser feitas por doze pessoas. Cada um deles desdobrou-se, pondo e tirando barbas, bigodes e cabeleiras, mudando a roupa, mudando a voz... foi até uma experiência muito gira nesse aspecto. Isto foi filmado quase como uma peça de teatro.

Parece-nos por outro lado uma experiência interessante porque, para além de eu não me ter limitado a filmar o texto do José Régio (que é um dos mais famosos romances dele), procurei imprimir-lhe um certo tom de época, indo para uma tradição de teatro musicado português. O filme tem música do Carlos Zingaro e coreografia da Elisa Worm. O Zingaro fez uma música muito mexida, muito animada, que não tem nada a ver - porque assim combinámos - com música do século XVII ou XVIII, o que seria a tentação normal: fomos para uma música estilo fox-trot, jazz Dixieland, coisas dos anos 20 e 30, vasas inclusivamente. Fomos para um certo tipo de música e de dança que pudesse fazer a transição para agora, daquilo que seria o burlesco do século XVIII. E então fui-me inspirar directamente, para efeitos cénicos, não em José Régio (porque ele é um romancista), mas num autor português do século XVIII que muito percebia da coisa cénica - António José da Silva, o Judeu.

Os diálogos do 'Príncipe' inspiram-se no tipo de diálogo e de trocadilho do António José da Silva: acaba por ser uma farsa. A mise-en-scène - utilizando o Palácio de Queluz como um vasto palco, colocando os actores de teatro (os Cómicos têm um treino de teatro de cordel do século XIX e já tinham feito uma série de experiências com muita graça) - inspirou-se assim em António José da Silva.

- A propósito, quem são os actores ?

A. M. - O Virgílio Castelo, que faz de Médico e faz de General; o António Rama faz de Rei Leonardo e de Rei Rodrigo; o António Solmr faz o Primeiro-Ministro

Minúcio e o Príncipe Leonardo; o Zé Eduardo faz uma personagem chamada Episódio e faz o Capitão da Guarda; o Luís Alves faz o Viriato; o António Cara d'Anjo está sobrecarregado - faz o Carrasco, o Aic, o Génio, o Primeiro Homem e o Segundo Homem... A Eugénia Bettencourt faz a Narcisa e a Tarquinia; a Teresa Mónica faz a Rainha e as duas damas da taberna (a Zizi e a outra); o Sebastião Ricou faz de maltraplilho e de chefe dos espiões, a Maria Breia faz a Princesa Camila e a Rainha Elsa; a Maria faz a Princesa Leonilde, e a Emilia Rosa faz a Princesa Letícia. A Adelaide João (que não faz parte dos Cómicos, foi uma atriz convidada) faz a Tia Zoila.

Para além disso há muita figuração e outras personagens marginais que entram e saem, que nem têm nome; algumas são feitas por eles também. Há ainda outra figuração, feita por um grupo de teatro de Men Martins. Isto foi uma experiência de colaboração entre cinema e grupos de teatro; vamos a ver o que é que resulta.

in Isto é Cinema

nº 14, de 28/4/78

PROGRAMA DE MOSTRA DE FILMES DA CINEQUANON

de 26 a 31 de Maio de 1978

- ~ Sexta-feira, dia 26, às 21.30 - AS HORAS DE MARIA  
de  
António de Macedo.
  - Sábado, dia 27, às 15.30 - SETUBALENSE - Um  
Jornal Regional em  
Autogestão  
de  
Amílcar Lyra.
  - COOPERATIVA CESTEIRA  
DO GONÇALO  
de  
António de Macedo
  - TEXTIL PENTEADORA  
de  
António de Macedo
  - Sábado, dia 27, às 21.30 - AREIA, LODO E MAR  
de  
Amílcar Lyra
  - ~ Domingo, dia 28, às 15.30 - COLONIA E VILÕES  
de  
Leonel Brito
  - Domingo, dia 28, às 21.30 - LIDERDADE PARA JOSÉ  
DIOCO  
de  
Luís Galvão Teles
  - Segunda-feira, dia 29, às 21.30 - O OUTRO TEATRO  
de  
António de Macedo
  - ~ Terça-feira, dia 30, às 21.30 - GENTE DO NORTE  
de  
Leonel Brito
- (prémio D. Quixote 77 da Federação Internacional de Cine-clubes e Menção honrosa da crítica do Festival de Santarém).

- Quarta-feira, dia 31, às 21.30 - A CONFEDERAÇÃO  
de

Luis Galvão Teles

(1º prémio do Festival Interna-  
cional de Cinema da Figueira da  
Foz 1977 e Menção honrosa no  
Festival de Pesaro 78).

ANFITEATRO DA BIBLIOTECA NACIONAL

com o apoio

da

Fundação Calouste Gulbenkian

e do

Instituto Português de Cinema

Capa: Judite Cilia

Coordenação: Rui Cádima

I N D I C E

76.

I - NOTA PRÉVIA.....	0
II - OS 4 ANOS DA CINEQUANON .....	1
III - AS PRODUÇÕES PARA A RTP.....	11
a) Série "Artes e Ofícios".....	13
b) "Sonhos e Armas".....	24
c) "Um dia na Vida de...".....	26
d) "Velhas Profissões".....	28
e) "Movimento Cooperativo".....	32
f) "Inventores".....	34
g) "Viver ou Sobreviver".....	38
h) "Colectividades de Cultura e Recreio".....	39
i) "Ensino Básico".....	40
Filmes não integrados na série .....	41
IV - PRODUÇÕES CINEQUANON .....	43
- Setubalense .....	43
- Greve na Construção Civil.....	45
- Liberdade para José Diogo .....	46
- As Horas de Maria.....	47
- A Confederação.....	53
- Gente do Norte ou a história de Vila Rica .....	57
- O Outro Teatro ou as coisas pertencem a quem as torna melhores.....	61
- Colonia e Vilões.....	64
- Areia, Lodo e Mar.....	68
- O Príncipe com Orelhas de Burro.....	71
V - PROGRAMA DA MOSTRA	